

SOMNIUM

32 PÁGINAS!

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Ciência:
A Equação
de Drake



"Difference
Engine"
A avó dos
computadores
modernos

As baratas morrem de costas
ficção de António de Macedo

Mais:
Carlos Orsi Martinho
e Lúcio Manfredi

Índice

Editorial

Surpresa!

0 3

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias

por Adriana Simon

0 4

Resenhas

Novidades aqui e lá

retirado do site <http://www.parada.com.br>

0 8

Ciência para o amanhã

A famosa Equação de Drake

por Gerson Lodi-Ribeiro

1 2

Artigo

Antes tarde do que nunca

por Hidemberg Alves da Frota

1 5

Ficção

As baratas morrem de costas

por António de Macedo

1 7

Cura-te a ti mesmo

por Carlos Orsi Martinho

2 3

O perigo amarelo

por Lúcio Manfredi

2 6

Internet

Ser ou não ser plugado, eis a questão

por Hidemberg Alves da Frota

3 0

Ilustrações

Alex Coimbra

Edgar Franco

Mario Mastrotti

Maurício Tavares

José Carlos Neves

Marcelo

Fernando Moretti

Alexandre Grecco

Antonio Sena

capa

contra-capa

0 2

0 3

0 7

1 1

22, 25

2 9

3 1



SOMNIUM

número 71
março de 1999

Editoriais:

Social e Notícias

Adriana Simon

<asimon@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco

<msbranco@uol.com.br>

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho

<dario@francanet.com.br>

Geral

Cesar R. T. Silva.

<cerito@mandic.com.br>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

Supresa de Ano-Novo! O *Somnium* agora tem 32 páginas! Nós prometemos, nós cumprimos. Não sem a valiosa ajuda dos colaboradores, é claro. Ganham os próprios, por estarem nas páginas deste prestigioso fanzine, mas ganham principalmente os leitores, que têm acesso a mais informação e arte.

Nesta edição, acompanha-nos o ilustre escritor e cineasta lusitano António de Macedo, com um conto que já criou expectativa nas discussões do nosso *listserver*. Autor de diversos livros, Macedo teve o belo romance de FC, horror e humor *Erotosofia* publicado em 1998 pela Caminho Editorial.

Também estamos em ano eleitoral no nosso Clube. É hora dos associados amantes da FC articularem a formação de chapas para a sucessão dos cargos diretivos do CLFC. Uma época festiva que, de fato, afigura-se como sinônimo de preocupação. Há muitos anos que os associados não se entusiasmam em contribuir com suas iniciativa e criatividade para o fortalecimento do CLFC.

Muitos acreditam que é porque o fã brasileiro é acomodado, malemolente e acostumado a confortável dependência. Se não é o seu caso, é uma boa chance para demonstrar.

Também continuamos a clamar por mais trabalhos para o *Somnium*. Temos um equilíbrio ainda precário e, se o fluxo de contribuições diminuir um pouco só que seja, corremos o risco de voltar as 24 páginas habituais.

Produzir uma publicação das dimensões do *Somnium* não é tarefa simples e os problemas de atraso que o fanzine sofreu no passado foram causados principalmente pelas dificuldades dos editores em digitar os trabalhos. Porisso não esqueçam de observar as condições de apresentação do material, que deve vir digitado, remetido via e-mail aos editores (vide expediente) ou disquete

(no endereço de correspondência do Clube). Os desenhos podem ser enviados pelo correio ou por e-mail ao editor-geral. Vamos fazer um esforço e acertar definitivamente o passo do nosso fanzine.



Cinema

The 13th Floor

Um grupo de exploradores descobre uma maneira de criar um universo paralelo ao nosso. Só que eles também descobrem que o nosso universo é uma cópia. Elenco: Armin Mueller-Stahl, Vincent D'Onofrio, Craig Bierko, Gretchen Mol e Bob Clendenin.

Direção: Josef Rusnak. Produção: Roland Emmerich e Dean Devlin.

Disturbing Behavior

O filme tem a direção de David Nutter, que foi responsável por vários episódios de *X-Files* e *Millennium*. Uma jovem problemática vai morar em uma estranha cidade onde todos parecem perfeitos demais.

Carnival of Souls

Durante um pega, uma mulher e sua amiga, sofrem um acidente de carro, e caem dentro de um lago. Depois de passar muito tempo debaixo d'água, Mary aparece sozinha. Ela descobre que sua vida mudou muito depois do acidente, porque ela perdeu sua alma. Agora ela tenta conseguir recuperar sua alma e sua vida. Elenco: Sidney Berger, Larry Miller, Cleavant Derricks, Paul Johansson, Anna K. McKown, Bobbie Phillips, Henry G. Sanders e Shawnee Smith. Direção e roteiro: Adam Grossman.

Daybreak

Um rapaz aceita levar um caminhão com uma carga misteriosa até uma floresta, e esperar até o dia amanhecer, dentro do caminhão. Mas, a noite, algo estranho acontece, e ele descobre que aquele emprego fácil, vai levá-lo ao inferno. Elenco: Collin Doyle, Aaron Talbot, Cameron McLay, José de Sousa, Darcy Shaw, Ernst Eder, Ethan Reitz, Elda Pinckney, Wayne Pederson, Darrel Hough, Michael Pequin e Jill Light. Direção: Randy Atamaniuk.

Star Trek 9 - Insurrection

O capitão Picard vai ter que decidir se fica do lado da sua tripulação e da Federação, ou ajuda um grupo de renegados. E parece que Riker vai virar

capitão de sua própria espaçonave. Patrick Stewart ganhou 12 milhões para voltar ao papel e Brent Spiner 5 milhões. *Star Trek 9* vai ser o primeiro filme que não vai utilizar maquetes em nenhuma cena e vai ter todos os efeitos especiais produzidos por computador. Até as naves serão geradas por computador. Elenco: Patrick Stewart (Capitão Jean-Luc Picard), Jonathan Frakes (William Riker), Brent Spiner (Data), Michael Dorn (Worf), Marina Sirtis (Deanna Troi), Gates McFadden (Beverly Crusher), LeVar Burton (Geordi LaForge). Direção: Jonathan Frakes. Roteiro: Michael Piller.

Meet Joe Black

A morte (Brad Pitt) resolve tirar umas férias na Terra e se apaixona por uma bela mulher. Ele fica totalmente fascinado com a mulher, e esquece de seus deveres, fazendo com que ninguém morra. O mundo fica estarelecido com esta nova onda de milagres e não sabe o que está acontecendo. O filme é baseado em outro filme de 1934, chamado *Death Takes a Holiday*, e em 1971 um filme para TV também foi feito. Elenco: Brad Pitt, Anthony Hopkins, Claire Forlani, Marcia Gay Harden, Jeffrey Tambor e Jake Weber. Direção: Martin Brest.

Dark City

O diretor e roteirista do filme *O Corvo*, Alex Proynas, mostra um homem que descobre que suas memórias são falsas. Filme de ficção com William Hurt (Michael), Rufus Sewell, Richard O'Brien e Keifer Sutherland. O roteiro é de Alex Proynas, Lem Dobbs e David Goyer (*O Corvo 2*).

Star Wars

George Lucas revelou para um jornalista, do jornal *The South China Morning News*, que a idéia do roteiro do filme *Star Wars*, surgiu graças a guerra do Vietnã. Lucas pegou a luta entre Ho Chi Ming e os EUA, e transformou na luta de uma pequena nação contra um exército numeroso e tecnologicamente mais avançado, que

mesmo assim, não consegue ganhar a guerra. O roteiro foi escrito durante o conflito no Vietnã, e muitas coisas que Lucas viu e leu sobre a guerra, ele usou como inspiração para escrever *Star Wars*. E também falou que quer dirigir os filmes *Star Wars Episode Two* e *Three*. As filmagens de *SW Episode Two* vão começar no final de 1999.

O ator James Van Der Beek (*Dawson's Creek*) esta sendo sondado para ser Anakin Skywalker nos filmes *Star Wars Episode Two* e *Episode Three*.

I Dream of Jeannie

O primeiro projeto da nova produtora New Millennium Entertainment vai ser o filme *I Dream of Jeannie*, que é baseado na serie de tv *Jeannie é um Gênio*.

At First Sight

O filme é baseado no livro *To See and Not See*, de Oliver Sacks, e mostra um cego que conhece uma garota e resolve aceitar participar de uma operação experimental. A operação parece ter dado resultado, quando o homem começa a enxergar, mas algo começa a dar errado e ele passa a ver as coisas de uma maneira bem diferente. Elenco: Val Kilmer, Mira Sorvino, Kelly McGillis e Nathan Lane. Direção e roteiro: Irwin Winkler.

Supernova

Depois de resgatar a nave *Nightingale 229*, um grupo descobre um estranho objeto com poderes sobrenaturais. Eles tentam investigar mais sobre o objeto, e acabam entrando no campo gravitacional de um estrela. Com problemas para tirar a nave do local, o grupo tem pouco tempo para achar uma solução, já que a estrela está para explodir e acabar com tudo que esteja em volta. Elenco: James Spader, Robert Forster, Lou Diamond Phillips, Angela Bassett e Robin Tunney.

Livros

Estranhos Contatos: Um Panorama da Ufologia em 15 Narrativas Extraordinárias

(Editora Caioá; 245 pág.; R\$ 20,00)

Cada trabalho é apresentado, de modo a situá-lo dentro da produção ao autor, e dentro da multiplicidade de pontos de vista que a ufologia abriga. A maioria dos trabalhos são de FC, mas há também histórias de horror, de fantasia, e de puro *mainstream*. Dez delas são obras inéditas em português, no campo profissional. O livro contém os seguintes trabalhos, divididos em seções temáticas:

· Introdução: “O Mito do Século 20”, Roberto de Sousa Causo

· Contatos no Passado: “Dea Mayor Sperientia”, Nilson D. Martello; “O Grande Eclipse”, Rubens Teixeira Scavone; “Georgia on My Mind”, Charles Sheffield (melhor noveleta, Prêmio Nebula 1994)

· Alienígenas entre Nós: “Projeto Cassandra”, Carlos Orsi Martinho; “O Olho da Sibila”, Philip K. Dick; “Engaiolado”, Cid Fernandez.

· Contatos Imediatos: “Portas Induzidas”, Anna Creuza Zacharias; “O Acidente Roswell”, Arlan Andrews; “Caidocéu”, Marien Calixte; “A Sabedoria das Águas”, Daniel Munduruku; “Os Fantasmas da Serra”, Roberto de Sousa Causo.

· Subcultura Ufológica: “Meio que Abduzidos”, Ataide Tartari; “A Abdução de Bunny Steiner, ou uma Mentira Deslavada”, Thomas M. Disch; “A Rosa-dos-ventos de Luz”, Ivan Carlos Regina; “A Nós o Vosso Reino”, Finisia Fideli.

A Pirata Espacial

(*The Red Peri*; volume 2 da coleção Império Ficção Científica e Fantasia, Editora M&C; R\$ 5,00)

O livro contém a referida novela de Weinbaum, que foi um dos autores mais importantes da FC norte-americana da década de 1930, apresentada por Ivan Carlos Regina e ilustrada por R.S. Causo. Há ainda reprodução de uma carta de Humberto Fimiani, presidente do CLFC, à redação. Uma espaçonave misteriosa, Red Peri, comete atos de pirataria no Sistema Solar. Dotada de tecnologia superior, seus ataques são sempre eficazes e sua fuga bem sucedida. Mas quando uma expedição científica se torna naufraga na superfície gelada de Plutão, e o aventureiro Frank Keene se defronta

com a Pirata Espacial, o império pirata do Red Peri se vê ameaçado. O livro pode ser adquirido através de contato com a editora: Caixa Postal 18581 São Paulo-SP CEP 04699-970, tel.: (011) 533-4557, fax: (011) 532-0021; ou diretamente com Roberto Causo: roberto.causo@dks.com.br Tel.: (011) 3871-3646

Em Busca de Frankenstein: O Monstro de Mary Shelley e Seus Mitos (Editora Mercury)

O livro tenta responder algumas perguntas sobre a origem do monstro e a ligação entre o livro de 1816, de Mary Shelley, e a família Frankenstein, que vivia no castelo Frankenstein na idade média. Maiores informações no site: [http://www.mercury.com.br]

Mistérios

(Editora Rocco, 224 páginas, R\$22,00) Está chegando às livrarias a coletânea da escritora Lygia Fagundes Telles. É um relançamento com revisão do texto da própria autora. Publicada originalmente em 1981 reúne a maior parte de contos sobre o fantástico e o sobrenatural na obra da autora. De acordo com o *Estado de S.Paulo*, destacam-se contos como “A Estrela Branca” (publicado em 1949 no livro *O Cacto Vermelho*), “Seminário de Ratos” e “Noturno Amarelo”. *Mistérios* também foi publicado na Alemanha, com o título de *Contos Fantásticos*. (por *Marcello Simão Branco*)

A Lição de Prático

(Editora Rocco)

O livro de Maurício Luz começa com uma daquelas ultrapassadas aberturas em que o autor fala como se ele fosse do futuro, e os acontecimentos futuros (em relação a nós) que ele escreve sejam já passado. Nesse futuro o ser humano alcançou a imortalidade, e correram apenas 100 anos depois da criação das técnicas para isso. Mas o autor diz que escreveu o livro para que esses fatos, já esquecidos, possam ser lembrados. Mas se a imortalidade se deu há 100 anos, quando os fatos aconteceram, significa que todos os que os testemunharam estão vivos e capazes de se lembrar. (por *Roberto Causo*)

Outros Lançamentos

- *A INVASÃO (Invasion)* Robin Cook. (Record)

- *PANDORA: NOVOS CONTOS VAMPIRESCOS (Pandora)*, Anne Rice. (Rocco)

- *SACRAMENTO (Sacrament)*, Clive Barker, tradução de Fábio Fernandes. (Bertrand Brasil)

- *O HOMEM TERMINAL (The Terminal Man)*, Michael Crichton. (Rocco)

- *RAY PARKER E O CASAMENTO DO LOBISOMEM*, Roberto de Sousa Causo. (Edgard Guimarães, editor)

- *O PEQUENO ZACARIAS (Klein Zacks genannt Zinnober)*, E.T.A. Hoffmann. (Martins Fontes)

Lançamentos em Portugal:

Território Desconhecido

(Europa-América)

Por muito estranho que pareça, a editora Europa-América cometeu um “deslize”. Ou seja, publicou uma novela de um autor recente, nomeadamente *Território Desconhecido* da grande Connie Willis (talvez a verdadeira sucessora da James Tiptree/Alice Sheldon). Embora *Território Desconhecido* seja apenas uma noveleta, e não das melhores que a autora já fez, pelo menos é moderna, divertida, *gender-bender*, e com extraterrestres verdadeiramente idiossincráticos, um gozo aos romances de exploração do Ridder Haggard. E para que a EA não pense que os leitores não têm gosto, comprem milhares deste exemplar e talvez (digo “talvez” porque estou a pensar no melhor dos mundos) ela (A Europa-América), venha um dia a publicar o DOOMSDAY BOOK, ou TO SAY NOTHING OF THE DOG, verdadeiras obras primas do paradoxo temporal... (por *João Barreiros*)

Fronteiras

(Simetria FC & F)

Antologia bilingüe (português-inglês), nº 3 da Coleção “Na Periferia do Império”, editado pela Simetria - Associação Portuguesa de Ficção Científica & Fantástico, Cascais, Setembro 1998. A presente antologia contém contos originais dos seguintes autores: Maria de Menezes, Gerson Lodi-Ribeiro, Roberto de Sousa Causo, Gwyneth Jones, Antonio de Macedo, Stephen Baxter, João Tiago, João Barreiros, David Alan Prescott e Daniel Tércio, além de um ensaio da

Prof. Teresa Sousa de Almeida, da Universidade Nova de Lisboa, sobre "A Ficção Científica em Portugal". (por António de Macedo)

O Vampiro de Nova Holanda

(Editorial Caminho, 277 págs.)

Coletânea de 8 contos escritos por Gerson Lodi-Ribeiro subordinados às seguintes secções: Astronautas Paleolíticos, Histórias Alternativas, Náufragos da Evolução e A Condição Humana. (por António de Macedo)

Erotosofia

(Editorial Caminho, 304 págs.)

Romance escrito por António de Macedo. A intriga articula o Mito de Cthulhu, a tradução portuguesa do *Necronomicon* e a lenda da meia-noite, atualizada, num velho castelo assombrado da Idade Média portuguesa. (por António de Macedo)

Pedra de Lúcifer

(Editorial Caminho, 322 págs.)

Romance escrito por Daniel Tercio. História alternativa numa Idade Média fantástica que se prolonga até ao século XX, dividida em duas partes: I - O Mártir, e II - O Cristal. (por António de Macedo)

Euronovela

(Editorial Caminho, 176 págs.)

Romance escrito por Miguel Vale de Almeida. Prémio Caminho de FC 1997. A intriga passa-se na Europa Unida de 2020, cuja língua oficial é o Noidoix, com as inacreditáveis e satíricas lutas entre os revoltosos EuroCépticos e o governo central do R. E. I. C. H. (Região Européia Internacional das Comunidades Hunas). (por António de Macedo)

Clones (Spare)

(Editorial Notícias)

Escrito por Michael Marshall Smith.

Coleção Argonauta

(Ed. Livros do Brasil)

- Isidore Haiblum: *Os Mutantes vêm aí!* (*The Mutants are Coming*), nº 484/485, janeiro 1998.

- James Blish: *Vivendo no Céu* (*A Life for the Stars*), nº 486, fevereiro 1998.

- Poul Anderson: *Crónicas do Fim do Mundo*, nº 487, março 1998.

- James Blish: *A Terra é uma Idéia Boa* (*Earthman, Come Home*), nº 488/489, abril-maio 1998.

- Brian W. Aldiss: *A Árvore da Saliva*

(*The Saliva Tree*), nº 490, junho 1998.

- James Blish: *O Triunfo do Tempo* (*The Triumph of Time*), nº 491, julho 1998.

- Gregory Benford: *No Oceano da Noite* (*In the Ocean of Night*), nº 492/493, agosto-setembro 1998.

- C. J. Cherryh: *Os Cavalos da Noite* (*Rider at the Gate*), nº 494/495, outubro-novembro 1998.

- Gregory Benford: *Além do Mar dos Sóis* (*Across the Sea of Suns*), nº 496, dezembro 1998.

Coleção Argonauta Gigante:

Prelúdio à Fundação - Isaac Asimov

O Mundo Marciano - Ray Bradbury

Fundação - Isaac Asimov

Coleção Nébulas:

(Publicações Europa-América)

Fundação - O medo - Gregory Benford

Perdidos no Espaço - Joan D. Vinge

Cascata de Sonho - Joan D. Vinge

Blade Runner 2 - K. W. Jeter

Povo do Rio - Michael Gear

Clan do Urso das Cavernas - Jean M. Auel

3001 Odisséia Final - Arthur Clarke

Coleção Livros de Bolso FC:

Batman and Robin - Michael Friedman

Território Inexplorado - Connie Willis

Os Amantes - Philip J. Farmer

Alien - O Regresso - A. C. Crispin

As Fronteiras do Infinito - David Brin

Estados Unidos:

Serão lançados cinco livros de ficção científica, escritos por atores famosos:

- *DIPLOMATIC ACT*

Escrito por Peter Jurasik (*Babylon 5*) e William H. Keith, o livro conta a história de um ator de TV que se envolve em uma trama mortal.

- *THE ASHES OF EDEN*

Escrito por William Shatner, Judith e Garfield Reeves-Stevens, mostra uma aventura com o capitão James Kirk.

- *THE ABDUCTORS: CONSPIRACY*

Escrito por Jonathan Frakes (*Star Trek NG*) e Dean Wesley Smith. No livro, um plano alienígena para conquistar a Terra é iniciado.

- *TIME BLENDER*

Escrito por Michael Dorn (*Star Trek DS9*), Hilary Hemingway e Jeffery P. Lindsay, mostra uma pedra que tem o poder de avançar e voltar no tempo.

- *THE BLACK PEARL*

Escrito por Mark Hamill (*Star Wars*) e Eric Johnson, o livro mostra as aventuras de Luther, um homem normal, que depois de salvar uma jovem vira um herói. (por Newton Neto - <http://www.parada.com.br>)

Sites

Interessantes

- O site do canal americano Sci-Fi Channel esta fazendo uma pesquisa entre os internautas, para descobrir os 100 melhores filmes de ficção de todos os tempos. Cada pessoa tem direito a escolher 3 filmes.

Para votar e só ir em: [www.scifi.com/entertainment/filmpoll]

- O escritor português Ricardo Madeira, que traduziu alguns dos contos de Carlos Orsi Martinho para o inglês, montou uma página sobre o mesmo na Internet: [www.geocities.com/Paris/8164/Orsi.html]

- Para ver o trailer do *Star Wars - Episode 1* (aproximadamente 2 minutos): [www.starwars.com/episode-i/news/trailer/]. Outra alternativa é baixar o trailer em: [www.cinema.art.br]

- O *download* de *slideshow* e *theme* de *Lord of the Rings* (Tolkien) pode ser feito em: [shire.ncsa.uiuc.edu/Tolkien/win95theme.html]

- Mais Tolkien: [[ftp.sunet.se/ftp/pub/pictures/fantasy/Tolkien/](ftp://ftp.sunet.se/ftp/pub/pictures/fantasy/Tolkien/)]

- O Demons Image Archive também merece uma visita: [demon.unh.edu/index.html]

- O escritor Orson Scott Card tem uma home page oficial na Internet: [www.hatrack.com]

- Que tal ajudarmos a terminar essa estória virtual: [www.geocities.com/Area51/Realm/3438/]

- Como se sabe, o próximo filme de Stanley Kubrick será de FC, *A.I. - Artificial Intelligence*, e está sendo produzido com diversas paradas e retomadas (ultima previsão é lançamento em 2001). É baseado no conto "Super-Toys Last All Summer Long", de Brian Aldiss. Neste site pode-se ler a integra do conto em inglês.

[www.wired.com/wired/archive/5.01/ffsupertoys_pr.html].

Para ler um artigo da editora do Hollywood repórter Paula Parisi co-

mentando este mesmo filme: [www.wired.com/wired/archive/5.01/ffai_pr.html]

- Revista *Sci-Fi News*: [www.scifinews.com.br]

- Revista *Starlog Brasil*: [www.starlog.com.br]

- B5 Brasil Fã Clube: [www.babylon5.com.br]. Fã Clube Brasileiro da série *Babylon 5*; Caixa Postal 11084; CEP 05422-970; São Paulo - SP - Brasil; e-mail: b5brasil@webcia.com.br

Perry Rhodan

- PRFCB - Perry Rhodan Fã Club do Brasil [www.prfcb.org.br/]

- Good Hope [www.geocities.com/Area51/Corridor/5967/prmenu0.htm]

- Stardust Homepage [www.stardust.zevallos.com.br/]

- Die Basis Homepage [members.xoom.com/PraetorII/]

- Perry Rhodan On Line Club [www.proc.com.br/]

- A Nave da Eternidade: [www.dcc.ufmg.br/~omni/fc/pr/pr.htm].

Star Trek

- Orgânia: [www.organia.skynet.com.br]

- Star Trek News - últimas novidades de *ST* como um todo e excelentes *spoilers* para episódios de *DS9* e *VOY* (precisos e com grande antecipação): [www.geocities.com/Hollywood/6952]

- Section 31: [www.section31.com/latest.htm]

- The Great Link: [stzone.simplenet.com/GreatLink/]

- Psiphi- *spoilers* e boas revisões de episódios de *DS9* e *VOY*: [psiphi.org]; [psiphi.org/DS9/ep/reviews.html]

- Star Trek lives- *Reviews* de episódios *DS9* & *VOY*: [www.geocities.com/Hollywood/Academy/9018/]

- Sthypertext- Meus *reviews* preferidos de *DS9*, *VOY* & *TOS*: [www.epsico.com/st-hypertext/]

- ST- Insurrection- Site dedicado ao mais novo filme de cinema de *ST*, incluindo entre outras coisas: o roteiro correto do filme e *reviews* de pessoas que já viram o teste de tela do filme: [www.st-insurrection.com]

- Geos - O mais completo *survey* de séries (não só de *ST*) na rede. Sobre *ST* você encontra, para cada série, uma

lista completa com resumos de cada episódio, votação para todos os episódios de cada temporada e a relação dos 10 mais de cada série:

[www.swd.net.au/geos/]

O Fim do Mundo

Com o aproximar do ano 2000, há cada vez mais visionários a falar em fim do mundo, embora outros, mais modestos, prefiram falar apenas em fim dos tempos, e as profecias multiplicam-se. E por falar em profecias, vale a pena lembrar aquele velho português do século 16 que dava pelo nome de Gonçalo Anes de Bandarra, autor de famosas trovas messiânicas e proféticas, que curiosamente morreu no mesmo ano em que morreu Nostradamus: 1566. O "profeta" Bandarra influenciou de modo decisivo o Padre Antonio Vieira, o qual encheu genialmente o século XVII português e brasileiro - apesar de ter nascido em Portugal em 1608, foi para a Bahia aos sete anos e após varias andanças por várias paragens, como Portugal, Holanda, Itália, etc., o Brasil e a defesa da liberdade dos índios brasileiros sempre foram sua grande preocupação, regressando a Bahia em 1681 e no Brasil permanecendo até morrer em 1697: há quem considere Vieira o primeiro autor de FC de língua portuguesa, com os seus estranhos livros *Livro Antepimeiro da Historia do Futuro* e *História do Futuro*, publicados postumamente em 1717. Nelles (e noutros textos vieirinos) é explícito o visionarismo do "Quinto Império" - bebido em Bandarra - mais tarde repegado por Fernando Pessoa. Quem quiser contactar com as sibilinas trovas desse estranho e iluminado (?) sapateiro da portuguesíssima vila de Trancoso, sugiro o seguinte site: [www.terravista.pt/mussulo/1214]. Por outro lado, e já que falamos também de Nostradamus, assaz representado na net, como seria de esperar, sugiro o seguinte site: [www.geocities.com/Athens/Academy/9959/dolores.htm] onde uma vidente de nome Dolores Cannon explica como entrou em contato astral com Nostradamus e o que daí resultou. Para quem queira saber novidades sobre o juízo final, o fim do mun-

do, os pavores que brevemente nos aguardam, etc. etc., sugiro os seguintes e cataclísmicos sites: [www.kiwinet/~mjagee/]; [www.geocities.com/Paris/Lights/7201/ofim.htm]; [www.webcom.com/enddays/events.html]; [www.ionet.net/~wes]; [members.tripod.com/~Fabi001/Profindex.html]; [www.amae.com/index.html] . (por António de Macedo)

Televisão

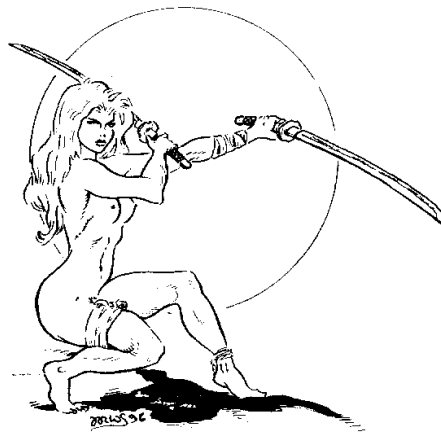
A Fox Kids quer colocar na temporada de 1999 um novo desenho baseado nas aventuras dos *Vingadores*, grupo de heróis do universo da Marvel Comics. E parece que vai ter novos episódios de *Homem Aranha* na próxima temporada. Uma nova série com o Capitão América ia ser criada, mas eles preferem colocar o herói no desenho dos *Vingadores*.

Arquivo X

O chefe dos roteiristas da séries *The X-Files*, Vince Gilligan, assinou um contrato com a Fox para criar uma nova série e continuar escrevendo para *X-Files*. A nova série de Gilligan deve entrar na temporada da Fox de 99 ou 2000. O Arquivo-X Brasil obteve permissão de tradução e adaptação dos Websódios para o nosso idioma. Para saber um pouco mais, visite: [www.arquivo-x.com/excerclube]

Games

Bruce Willis vai atuar no vídeo-game *Apocalypse*. O jogo vai sair em CDs para PlayStation e mostra as aventuras de Trey Kincaid (Willis), um pistoleiro que tem a missão de salvar o mundo.



Total Recall

Um homem descobre que todas as suas lembranças e memórias são falsas e, na verdade, ele faz parte de um grupo que quer salvar o planeta Marte. Cada episódio vai custar 1,3 milhões.

Outpost Omega

A série é uma criação de duas lendas. Mark Hamill, que atuou em três filmes da série *Guerra nas Estrelas* como Luke Skywalker, e Bill Mumy, que atuou nas séries *Perdidos no Espaço* e *Babylon 5*, criaram a série *Outpost Omega* que deve estreiar na temporada americana de 1999-2000. Ainda não se sabe qual é a história da série.

Dreamscape

Um policial de Hollywood leva um tiro na cabeça e começa a viver em várias épocas, sem saber o que está acontecendo de verdade. Em um momento ele está em 1940, em outro vai parar em 1994. A série é uma criação de Donald Bellisario, responsável pelas séries *Quantum Leap* e *JAG*. A série deve estreiar na temporada de 1999 ou 2000.

The Secret Adventures of Jules Verne

A série vai mostrar as aventuras de Jules Verne e como ele teve as idéias para escrever os mais fantásticos livros de todos os tempos. A série vai ter um grande orçamento, e vai contar com um milhão por episódio. 22 episódios já estão sendo produzidos, mas a série ainda não tem uma data de estréia.

Gene Roddenberry's Starship

A série é baseada em um roteiro escrito por Gene Roddenberry e mostra uma nave que foi construída para pesquisar, cientificamente, várias partes da galáxia. Este roteiro foi escrito antes de Gene criar o universo de *Star Trek*, e provavelmente foi a base de criação da série. A nova série vai começar na temporada de 1999-2000.

Alien Scum

Um casal vive normalmente como qualquer outro. O único problema é

que um é humano e o outro alienígena. A série marca a volta de Katey Sagal (Peggy Bundy), depois do cancelamento da série *Married With Children*. A série era para entrar na temporada de 1998-99 no canal ABC, mas a emissora a cancelou, depois de gravar um episódio piloto. A série vai estreiar na temporada de 1999-2000, em outra emissora.

Babylon Crusade

A série é uma continuação de *Babylon 5*. Depois de lutar ao lado das sombras, e perder seu planeta Za'ha'dum, uma raça de alienígenas chamada The Draak resolve se vingar dos humanos, e lança na Terra um vírus poderoso e mortal. Os cientistas descobrem que em 5 anos, todos os habitantes da Terra vão morrer, e eles iriam demorar, no mínimo 50 anos, para encontrar um remédio. Então, um grupo é formado e, a bordo da nave Excalibur, procuram pelo espaço a cura para o vírus. Eles têm 5 anos para conseguir a resposta para um antídoto, ou todos morrerão. Para a construção das naves, os produtores procuraram os responsáveis pela construção de jatos e naves da NASA, para conseguir o máximo de realismo. Gary Cole nasceu no dia 20 de setembro de 1957, em Park Ridge, Illinois, USA. Ele atuou nas séries *American Gothic*, como Lucas Buck, e em *Midnight Caller*, como Jack "Nighthawk" Killian. Ele também atuou no filme para TV *A Call to Arms*, e nos filmes para cinema, *OfficeSpace*, *A Simple Plan*, *Gang Related*, *A Very Brady Sequel*, *The Brady Bunch Movie*, *In the Line of Fire* e *Lucas*. Peter Woodward nasceu no dia 24 de janeiro de 1956, em Londres, Inglaterra. Ele atuou no filme para TV *A Call to Arms* e nas séries *In Suspicious Circumstances*, *Pirates* e *The House of Eliott*. David Allen Brooks atuou na série *The Edge of Night*, como Jim Dedrickson. Carrie Dobro (Dureena Nafeel) atuou no filme para TV *A Call to Arms* e na série *Hypernauts*, como

Kulai. Ela também atuou na série *Babylon 5*, no episódio "Racing Mars", como Brakiri, e no episódio "Exogenesis", como a doutora Harrison. Marjean Holden (doutora Susan Chambers) atuou no filme *Mortal Kombat: Annihilation*, como Sheeva, e foi dublê nos filmes *Blade*, *Speed 2: Cruise Control* e *Bulletproof*. A trilha sonora é de Christopher Franke, que já fez trilhas para os filmes *A Call to Arms*, *The River of Souls* e *Babylon 5: In the Beginning*, e as séries *Babylon 5*, *Hypernauts*, *Pacific Blue*, *M.A.N.T.I.S.*, *Movie Magic*, *Angel Falls*, *Walker*, *Texas Ranger*, *Raven* e *Street Hawk*. Produção: John Copeland. Produção executiva: Douglas Netter e J. Michael Straczynski. A série é uma criação de J. Michael Straczynski, que também criou a série *Babylon 5*.

Merlin: The Magic Begins

A série mostra as aventuras do jovem mago Merlin e sua luta contra o malvado Rengal, que quer governar a Inglaterra. A série é cheia de efeitos especiais e tem no elenco, Jason Connery, o filho de Sean Connery, e Deborah Moore, a filha de Roger Moore. Jason Connery atuou na série *Robin of Sherwood* como Robert of Huntingdon. Deborah Moore atuou na série *The Wanderer* como Clare, e no filme *Chaplin* como Lita Grey.

Metropolis

A série acompanha o dia-a-dia de dois policiais da fictícia cidade de Metrópolis. No estilo de *Cops* e polícia de Los Angeles, os policiais são acompanhados por uma câmera, e mostram casos estranhos e bizarros. A série vai começar na nova temporada de 1999-2000, do canal a cabo americano Sci-Fi.

Batman Beyond

No futuro, um jovem chamado Terry McGinnis ganha de um velho, chamado Bruce Wayne, um uniforme e um destino. Ser o novo Batman e combater o crime na cidade de Gotham. A

série é uma criação de Alan Burnett, Paul Dini e Bruce Timm, responsáveis pelas séries *Batman* em animação e *As Aventuras de Superman* em animação. A nova série em animação *Batman Beyond*, estréia no dia 14 de novembro de 1998 no canal Warner dos EUA.

Lost in Oz

A série pega os personagens do livro de L. Frank Baum e os coloca em uma época diferente. Apesar de ter O Mágico, O Leão, O Espantalho e o Homem de Lata, a série não se passa no universo do filme *O Mágico de Oz*. A série marca a estréia de Tim Burton como produtor executivo de uma série de tv. A série deve estreiar na temporada de 1999-2000.

In The Garden of Eden

A série é produzida por Danny Glover (*Lethal Weapon*) e é baseada no livro de mesmo nome, lançado em fevereiro de 1999. A série mostra as aventuras de uma garota do século 16 que vai parar no século 24, e entra para uma organização chamada The Company. A equipe tem uma máquina do tempo e usa sua tecnologia para impedir que os cyborgs voltem ao passado e conquistem a Terra. A série deve começar na temporada de 1999-2000.

Invisible Man

A série é baseada no clássico de H.G. Wells, está sendo escrita por Matt Greenberg (*Halloween H20*), e conta as aventuras de um homem com o poder de setornar invisível. A série vai começar na nova temporada de 1999-2000, do canal a cabo americano Sci-Fi.

The Mars Trilogy

A série vai ser produzida e escrita por James Cameron e Charles Eglee, e é baseada nos três livros de Kim Stanley Robinson; *Red Mars*, *Green Mars* e *Blue Mars*. Um grupo de cem terráqueos tenta colonizar o planeta Marte. O grupo usa toda a tecnologia da Terra para vencer e conquistar o terrível planeta vermelho. A série vai ser lançada na temporada de 1999-2000 ou em 2000-2001.

The Crow: Stairway to Heaven

A série é baseada no filme de mesmo nome, e mostra o roqueiro Eric

Draven, que depois de morto, procura vingar a morte de sua esposa. Depois, ele tem que percorrer um longo caminho para poder, pouco apouco, se aproximar do céu e alcançar finalmente a paz. Cada episódio vai ter um orçamento de um milhão de dólares, e as filmagens estão sendo feitas em Vancouver, Canadá.

12 Monkeys

No ano de 2035 os cientistas mandam um prisioneiro de volta ao passado, para que ele encontre um tipo de vírus e o destrua, antes que seja tarde demais. O vírus vai se espalhar em 1996, mas ele é mandado por engano para 1990. Todos pensam que ele é maluco, mas ele sabe a verdade e quer cumprir sua missão. A série é baseada no filme de mesmo nome com Bruce Willis. Apesar de não ter data para estreiar, a série está nos planos da USA Network.

The New Addams Family

A Saban Entertainment está produzindo uma nova série baseada na Família Addams, que será exibida na temporada de 1999, do canal americano Fox Family Channel. A Fox já mandou filmar 65 episódios da série. Elenco: Glenn Taranto - Gomez; Ellie Harvie - Morticia; John DeSantis - Lurch; Michael Robards - Uncle Fester; Nicole Marie Fugere - Wednesday; Brody Smith - Pugsley; Steven Fox - Thing; Betty Phillips - Granny Addams.

The Big Guy and Rusty the Robot

Esta série em animação é baseada nos heróis em quadrinhos criados por Frank Miller e Geof Darrow's, para a Dark Horse Comics. A série vai ter a produção da Columbia TriStar Children's Television, mas ainda não tem data de estréia.

Witchblade

A policial Sara Pezzini é uma mulher que ganha poderes especiais, depois de usar uma luva mágica, e usa esses poderes para combater as forças do mal. A série é baseada em uma famosa revista em quadrinhos, de mesmo nome.

Night of the Living Dead

O diretor George Romero vai produzir esta série baseada no filme de mesmo nome, dirigido por George em 1968. A Terra está dominada por

zumbis que atacam as pessoas para comer seus cérebros. Uma vez que a pessoa é atacada, também se transforma em zumbi. Um grupo tenta sobreviver e descobrir uma maneira de impedir a destruição da raça humana. A série deve estreiar na temporada americana de 1999-2000.

Quest for Tomorrow

A série é uma criação de William Shatner (*Jornada nas Estrelas*) e mostra as aventuras de Jim Endicott, um jovem de 16 anos que sonha em entrar para a Academia Espacial e se tornar um piloto. Mas, ele descobre que seu DNA é diferente, passa a ser perseguido e correr risco de vida. William Shatner vai dirigir apenas o primeiro episódio e depois continuar como produtor executivo e roteirista da série. *Quest For Tomorrow* deve estreiar na temporada americana de 1999-2000. Não se sabe ainda se Shatner vai fazer pequenas participações como ator, da mesma maneira que fazia em sua outra criação, *Tekwar*.

Pocket Monster

A série é uma versão americana para o desenho japonês *Pokeman* e mostra as aventuras de um garoto e seu gato amarelo. Seu maior inimigo é outro garoto que está sempre com um animal de estimação diferente. *Pokeman* é o desenho de maior audiência no Japão, e os bonecos baseados nos monstros do desenho são um sucesso de vendando mundo inteiro.

Farscape

O astronauta John Crichton acaba parando em uma galáxia desconhecida, e sua única chance de voltar para a Terra é entrando em um cargueiro espacial, cheio de prisioneiros políticos de várias raças. A série é uma criação de Rockne S. O'Bannon (*Alien Nation*).

Futurama

No futuro, um homem acorda depois de passar 1000 anos em animação suspensa. Ele arranja um emprego como motorista de uma firma de entregas e começa a descobrir um mundo novo e diferente. A série é uma criação de Matt Groening e tem 13 episódios confirmados. Matt é o criador da série *Os Simpsons*. A série vai começar na temporada de 1999-2000, do canal FOX.

First Frontier

No futuro, toda a humanidade está em colapso. O capitalismo selvagem impera, e o trabalhador comum tem lutar para sobreviver. A série mostra a vida de três pessoas. Noel Kennard, que traiu um dos homens mais poderosos do planeta e abriu uma firma especializada em resolver problemas e salvar vidas. Ilona Jones, que é uma delegada e trabalha em uma cidade em Marte. E Joseph Makian, que é o chefe do mundo do crime e um dos homens mais poderosos da galáxia. A série vai começar na temporada de 1999-2000. Elenco: Claudia Christian (*Babylon 5*), Jeremy Bulloch, Joe McGann, Michael Sheard, Simon Lewis, Corrine Britton.

The New Ripleys Believe It or Not

Esta nova série é baseada na antiga *Acredite se Quiser*, vai ter 22 novos episódios e vai percorrer o mundo atrás de estranhas e bizarras situações e locais. A série vai começar na temporada de 1999-2000, da TBS dos EUA.

Austin Powers, International Man of Mystery

A série em animação vai mostrar as aventuras do espião criado por Mike Myers. Mike vai dublar pessoalmente a voz de Austin. Apesar de ser em animação a série vai ter o estilo de *King of the Hill* e vai ser voltada para o público adulto.

Monkeyman and O'Brian

A série é baseada numa revista em quadrinhos, da Dark Horse Comics, de mesmo nome. A série de animação vai começar na temporada americana de 1999-2000.

GvsE

Um homem que morreu, é recrutado pelas forças do bem para lutar contra o exército do mal, que está recrutando humanos desavisados. Josh e Joshua Pate são os criadores da série e também vão dirigir e escrever para ela. A série vai começar na nova temporada de 1999-2000, do canal a cabo americano USA.

The Downtowners

A série de animação vai começar na temporada de 1999 da Warner americana, e mostra o mundo de jovens en-

tre 20 e 26 anos. Andy French (Langham) resolve sair do subúrbio onde mora e vai morar bem no centro de uma grande cidade. Vozes de Wallace Langham (*Veronica's Closet*), Vicki Lewis (*News Radio*), Scott Menville (*The Wonder Years*), Brian Posehn e Dave Thomas.

The Faculty

Um grupo de estudantes começa a desconfiar que seus professores são, na verdade, alienígenas. O filme é uma adaptação do roteiro de Robert Rodriguez e Kevin Williamson, para o filme de mesmo nome, lançado nos cinemas em 1998.

Welcome to Paradox

No futuro, a ciência avançou a um ponto que ninguém mais adoece e a humanidade vive em harmonia. Mas, a tecnologia começa a ser voltada para o mal, e a raça humana tem que lutar para não ser exterminada.

Daybreak

Um homem sofre um acidente de carro e morre. Mas volta a vida com super poderes e novas habilidades. A série é uma criação de Hans Tobeason, um dos responsáveis pela série *The Visitor*, e deve entrar na temporada de 1999.

Matthew

Um policial leva um tiro na cabeça, sofre um sério acidente no cérebro, perde toda memória que tinha, e começa a desenvolver vários poderes mentais.

Far Horizon

Um astronauta é capturado por uma raça alienígena e descobre que uma guerra entre várias raças está acontecendo naquela parte da galáxia. Ele se torna o comandante de uma nave, onde vários membros de diferentes raças tentam acabar com a guerra. A série vai estreiar na temporada de 1999-2000. Os alienígenas serão criados por Jim Henson's Creature Shop, responsável pelos Muppets.

Bob and Margaret

Bob e Margaret vivem em Londres e, apesar de todas as loucuras do dia a dia, tentam levar uma vida normal. Esta série em animação é uma criação de David Fine e Alison Snowden, que são casados um com o outro, e colocam suas experiências particulares na série. Eles ganharam o Oscar de me-

lhor curta de animação, em 1995, com o filme *Bob's Birthday*.

First Wave

A série tem a produção executiva de Francis Ford Coppola e já está com 22 episódios garantidos, podendo chegar a um total de 66 episódios em três temporadas. Esta série de suspense mostra a luta de um homem para achar os alienígenas responsáveis pelo sequestro e morte de sua esposa. A polícia pensa que ele foi o responsável pela morte e ninguém acredita em sua história. A série vai ao ar no canal Sci-Fi Channel dos EUA.

Brimstone

O detetive Zeke Stone acaba morrendo enquanto tentava vingar o estupro e a morte de sua esposa. Ele encontra o diabo que o manda para o inferno, já que em sua busca por vingança, havia se tornado tão violento quanto os bandidos que procurava. Só que, 15 anos depois, 113 prisioneiros da parte mais perigosa do inferno conseguem fugir e voltam a conviver com os vivos. Sem ter como capturar a todos, o diabo promete devolver a alma de Stone, se ele conseguir prender os fugitivos. O ator Peter Horton nasceu no dia 20 de agosto de 1953, em Bellevue, Washington, USA. Ele é casado com a atriz Michelle Pfeiffer e já atuou nas séries *Class of '96*, *Thirty something* e *Seven Brides for Seven Brothers*. O ator John Glover nasceu em 7 de agosto de 1944 em Salisbury, Maryland, USA. Ele atuou nos filmes *Batman & Robin*, *Robocop 2*, *Gremlins 2: The New Batch*, *Brubaker* e muitos outros. Na tv ele atuou nas séries *South Beach*, como Roberts, *Batman: The Animated Series* e *Search for Tomorrow*, como Vargas.

Seven Days

A Casa Branca foi destruída e os políticos mortos. A única saída está nas mãos de Frank Parker. Ele tem que voltar no tempo e impedir que esta tragédia aconteça. Mas ele só tem sete dias para realizar a missão. Elenco: Johnathan La Paglia - Frank Parker; Nick Searcy - Nate Ramsey; Don Franklin - Donovan; Norman Lloyd - Isaac Mentor; Justina Vail - Olga Vukavitch; Alan Scarfe - Talmadge; Sam Whipple - Ballard.



A famosa Equação de Drake

por Gerson Lodi-Ribeiro

Quase todos nós, apreciadores de ficção científica, somos também torcedores empolgados com a perspectiva da descoberta de vida fora da Terra. A existência de vida extraterrena inteligente constitui uma hipótese ainda mais empolgante para nós — a prova indiscutível da existência de uma civilização alienígena avançada corroboraria outra hipótese, esta mais duvida, de que é possível às civilizações tecnológicas sobreviverem à fase crítica que a humanidade enfrenta atualmente. Não é de se espantar, portanto, que a temática da descoberta e do contato com inteligências alienígenas seja uma das nossas prediletas.

A contrapartida, por assim dizer mais séria, dessa temática veneranda da FC é a Busca de Inteligências Extraterrestres, uma área de pesquisa caracterizada por doses maciças de especulação e mais conhecida por seu acrônimo em inglês, SETI.

Uma questão fundamental se destaca nas miríades de linhas de pesquisa desenvolvidas nessa área: “Quantas civilizações técnicas existem em nossa galáxia?”

Para tentar estimar o número de civilizações técnicas na Via Láctea que seriam capazes e estariam dispostas a se comunicar com a humanidade numa determinada época (N), o radioastrônomo americano Frank Drake criou em 1961 uma equação que foi em pouco tempo consagrada com o seu nome. Em sua formulação mais recente e simplificada, a equação de Drake é assim:

$$N = R \cdot \delta \cdot f_p \cdot N_e \cdot f_l \cdot f_i \cdot f_c \cdot L \quad (1)$$

onde:

$R \cdot \delta$ — número de novas estrelas que surgem na Via Láctea por ano;

f_p — fração das estrelas da Via Láctea que possuem sistemas planetários;

N_e — número médio de planetas capazes de abrigar vida por sistema planetário;

f_l — fração dos planetas capazes de abrigar vida em que a vida de fato se desenvolve;

f_i — fração dos planetas que abrigam vida onde existem espécies inteligentes;

f_c — fração dos planetas com espécies inteligentes onde há uma civilização tecnológica capaz e disposta a estabelecer comunicação interestelar;

L — duração média de uma civilização tecnológica capaz de estabelecer comunicação.

Uma especulação teórica elegante, não é? De fato, uma estrutura matemática que impõe respeito, até pela gravidade de seus parâmetros constituintes. Mas, aqui entre nós, e espero que vocês não saiam espalhando por aí, essa beleza aí em cima não passa de um imenso exercício de chutometria aplicada. No fundo, é apenas uma forma sofisticada de afirmar a nossa ignorância. Pois, como equação, não consegue estimar minimamente a quantidade de civilizações alienígenas existentes em nossa galáxia.

O grande problema da equação de Drake é que não conseguimos estimar sequer alguns de seus parâmetros constituintes; muito menos o número mágico N .

Senão, vejamos:

No que diz respeito ao número de estrelas que surgem anualmente na Via Láctea, $R \cdot \delta$, não há muita incerteza. Sabemos que a taxa de nascimento de estrelas foi muito maior há bilhões de anos do que hoje em dia. Assim, devemos pensar numa taxa média. Os melhores prognósticos atuais estimam o número de estrelas que nascem na Via Láctea entre 1 e 10 estrelas/ano. Proponho que assumamos o valor médio de $R \cdot \delta = 5$.

A fração de estrelas da Via Láctea que possuem sistemas planetários, f_p , também não chega a constituir um grande mistério. Embora algumas te-

orias de formação planetária arcanas insistissem em afirmar que a maioria das estrelas não se faria acompanhar por um séquito de planetas, observações recentes e novas teorias (que não excluem sequer a possibilidade da existência de planetas em sistemas estelares múltiplos) parecem indicar que a existência de planetas girando em torno de outras estrelas é antes a regra do que a exceção. Então, podemos estimar f_p como algo entre 0,5 e 0,8. Vamos tomar o valor médio de $f_p = 0,65$.

As coisas começam a se tornar mais nebulosas (sem trocadilhos com as velhas teorias de formação planetária...) com o próximo parâmetro, N_e , o número médio de planetas capazes de abrigar vida por sistema planetário. Tempos atrás, imaginou-se que nosso Sistema Solar fosse típico: há aqui pelo menos um planeta capaz de abrigar vida. Haveria sistemas estelares com dois ou mais planetas capazes de abrigar vida e outros desprovidos de mundos desse tipo. Contudo, estudos recentes indicam que as perspectivas não seriam assim tão boas.

Para que a vida surja e prospere numa biosfera qualquer é necessário pressupor várias classes de estabilidade ao longo de bilhões de anos. Em primeiro lugar, a estabilidade do primário: a estrela em torno da qual o planeta orbita deve se manter estável por vários bilhões de anos. Em segundo lugar, essa órbita deve ser estável e quase circular — se tal não ocorrer, o planeta nem sempre se manterá no interior da ecosfera, zona do sistema estelar onde as formas biológicas podem surgir, sobreviver e evoluir. E em terceiro lugar, a superfície planetária em questão deve ser, ela própria, geologicamente estável; convém lembrar aqui que durante os primeiros 800 milhões de anos da história da Terra, nosso planeta não ofere-

ceu essa superfície geologicamente estável e, portanto, a vida não surgiu. Por isso, embora a estimativa inicial de Drake e Sagan (dois otimistas de carteirinha!) propusesse $N_e \sim 1$, prognósticos mais recentes e que soam, ao menos por enquanto, mais realistas, estimam $N_e \sim 0,1$.

Já a fração dos planetas capazes de abrigar vida em que as formas biológicas realmente se desenvolvem, f_l , parece mais fácil de estimar. A história da vida na Terra indica que as primeiras formas biológicas surgiram tão logo a superfície planetária ofereceu as classes de estabilidade citadas no item anterior; falando aqui em termos geológicos, ou seja, alguns milhões de anos depois. Como não há nenhuma razão para pensar que nosso planeta seja um caso especial, tudo nos leva a crer que, dadas as condições favoráveis necessárias, a vida surgirá em qualquer superfície planetária. Em termos matemáticos, isto equivale a propor $f_l = 1$.

Um dos parâmetros de estimativa mais problemática na equação de Drake é a f_i , a fração dos planetas que abrigam vida em que existem espécies inteligentes. A questão fulcral levantada por esse parâmetro é se o advento da inteligência é ou não uma consequência natural da existência continuada de formas biológicas sobre uma superfície planetária. A história da vida na Terra mostra que as primeiras formas unicelulares surgiram há aproximadamente 3,8 bilhões de anos, ao passo que as primeiras formas multicelulares que se tem notícia só teriam aparecido há coisa de 600 milhões de anos. Ora, isto quer dizer que durante cerca de 85% de sua existência, a vida terrestre foi de caráter estritamente unicelular, o que parece indicar que o salto dos organismos unicelulares, algas microscópicas e bactérias, para os multicelulares, animais, vegetais e cogumelos, parece constituir um passo mais difícil do que a própria transição da matéria bruta para o primeiro ser vivo. Quem sabe, não existem pela galáxia afora centenas de planetas cujos oceanos primordiais pululam de formas de vida alienígenas, todas de nível unicelular,

sem nenhuma criatura viva que possamos enxergar a olho nu?

Por outro lado, mesmo que admitamos o aparecimento dos animais e vegetais superiores como regra geral, não há lei natural alguma que implique daí a evolução até as formas racionais. Tomando novamente a história da vida na Terra como único exemplo disponível, constatamos que, ao que sabemos, não apareceram seres racionais por aqui durante mais de 99% do intervalo que se estende do advento das primeiras criaturas multicelulares até o presente. Os argumentos acima parecem indicar que, embora o surgimento da vida seja, por assim dizer, inevitável (dadas as condições adequadas), não podemos em absoluto dizer o mesmo quanto ao advento da inteligência.

Portanto, embora as estimativas iniciais apostassem numa $f_i \sim 1$, um valor variando entre 0,01 e 0,10 soa mais sensato à luz dos conhecimentos e especulações mais recentes desse campo de pesquisa.

A fração dos planetas com espécies inteligentes onde existe uma civilização tecnológica capaz e disposta a estabelecer contato com outras espécies, f_c , é um parâmetro de estimativa ainda mais difícil do que o anterior. Num certo sentido, a humanidade deu o primeiro passo para erigir uma civilização tecnológica quando os australopitecos começaram a fabricar ferramentas. Mas, é claro, é preciso um pouco mais do que artefatos paleolíticos para estabelecer contato com habitantes de outros sistemas estelares. Se definirmos civilização tecnológica como aquela que é capaz de entrar em contato com suas congêneres alienígenas, estabelecer contato, ou ao menos se fazer notar por elas, então a humanidade só se tornou uma civilização tecnológica há 70 anos, com a invenção do radiotelescópio.

Será que todas as espécies inteligentes de fabricantes de ferramentas acabam depois de algum tempo constituindo necessariamente civilizações tecnológicas, entendidas como tais pela definição acima? Não sabemos. Na Terra, todas as culturas humanas

fabricaram ferramentas, mas só as sociedades oriundas da Europa Ocidental deram à luz ao método científico que proporcionou a revolução industrial e nos transformou em última análise numa civilização tecnológica.

Seria o caminho do progresso técnico tão inevitável assim?

Se os árabes, os maoris ou os astecas constituíssem a cultura mais avançada da Terra, a humanidade teria se tornado uma civilização tecnológica? Até o século XV, os chineses constituíam a cultura mais sofisticada do planeta, mas não pareciam nem um pouco propensos a dar os passos para conquistar os avanços científicos necessários para nos transformar numa civilização tecnológica.

Assim, mesmo pela análise superficial dos exemplos das diversas culturas humanas, constatamos que o dogma da inevitabilidade do progresso não se sustenta. O que se dirá então de outras espécies, com histórias, psicologias e motivações inteiramente alienígenas? Como estimar o parâmetro f_c ? Ele pode assumir qualquer valor que lhe desejemos atribuir entre 0 e 1, dependendo apenas do nosso “coeficiente de otimismo instantâneo”, e este varia conforme o nosso humor... Digamos, então, que f_c gira em torno de 0,1.

Finalmente, resta-nos o último parâmetro e o mais problemático, L , a duração média de uma civilização tecnológica capaz de estabelecer comunicação.

Antes de analisar o parâmetro L , convém resumir aquilo que concluímos até aqui:

Substituindo os valores médios das estimativas de $R-\delta$, f_p , N_e , f_l , f_i e f_c na equação de Drake na forma (1), temos que:

$$N = (5 \times 0,65 \times 0,1 \times 1 \times 0,05 \times 0,1) \cdot L$$

Ou seja:

$$N = 0,001625 \cdot L \quad (2)$$

Como vemos, o número de civilizações tecnológicas existentes na Via Láctea depende antes de mais nada da duração média da existência dessas civilizações. Por quanto tempo uma civilização tecnológica pode existir como tal sem se autodestruir (hipótese pessimista) ou transcender para um

estágio pós-tecnológico (hipótese otimista “new age”)? Não sabemos.

Antes do fim da Guerra Fria, inspirados pelo exemplo da humanidade, muitos especialistas argumentavam que L deveria ser estimado numa escala de décadas. Eles afirmavam que $L < 100$, o que, traduzindo da linguagem matemática para o português, significava que as civilizações tecnológicas não sobreviveriam ao seu primeiro século, desde a invenção do radiotelescópio até sua autodestruição... Isto queria dizer que se a humanidade lograsse êxito em sobreviver e chegasse algum dia a explorar outros sistemas estelares, muito provavelmente só encontraria ruínas de antigas civilizações alienígenas já extintas há muito.

Se imaginarmos que $L = 100$, então $N = 0,1$, o que equivale a dizer que só há em média uma civilização tecnológica para cada dez galáxias do porte da Via Láctea. Admitindo que as civilizações desse tipo sobrevivam um pouco mais, digamos durante um milênio ($L = 1.000$), temos aproximadamente $N = 1$, significando que estamos sozinhos na Via Láctea... Adeus cenários de contatos com espécies alienígenas!

Contudo, essa estimativa talvez seja por demais pessimista. Afinal, vez por outra, deve surgir uma espécie madura e sensata a ponto de evitar a autodestruição. Não que nós sejamos estes “felizardos”, mas parece plausível imaginar que o período mais crítico seja exatamente este que a humanidade está vivendo.

Se, após constituir uma cultura tecnológica, uma espécie inteligente consegue sobreviver ao período crítico definido pelo intervalo $0 < L < 200$, é bem provável que ela tenha amadurecido a ponto de não correr mais riscos de se autodestruir. Além disso, teria atingido um desenvolvimento técnico capaz de evitar a extinção acarretada por agentes naturais — como, por exemplo, o vulcanismo em escala planetária; uma glaciação severa ou o impacto direto de um meteorito gigante. Portanto, faz sentido pensar que, se uma civilização tecnológica supe-

rar o limite $L = 200$, ela deve sobreviver por um período muito mais longo, comparável ou mesmo superior ao período de permanência do seu primário na seqüência principal, coisa da ordem de $L = 109$ anos.

Se imaginarmos que apenas uma de cada dez civilizações tecnológicas sobreviva ao teste crítico de maturidade que a humanidade ora enfrenta e que, somente para estas, $L \sim 106$, ou seja, que essas espécies perdurem como civilizações sofisticadas por cerca de um milhão de anos, então, nós teríamos um parâmetro L global médio com o valor de 105. Levando o valor deste parâmetro para (2), obteríamos $N \sim 160$. Ou seja, haveria hoje cerca de 160 civilizações tecnológicas na Via Láctea. Mesmo considerando essas quase duas centenas de espécies alienígenas, nossa galáxia é grande o suficiente — 30 mil anos-luz de diâmetro e 400 bilhões de estrelas! — para justificar o fato de ainda não termos prova inequívoca da existência de inteligência extraterrestre.

Para concluir, devo tornar claro que assumi na análise acima uma postura que costumo chamar de “pessimista realista”. Há dezenas de estudiosos de SETI extremamente qualificados que assumem posturas muito mais otimistas, chegando a estimativas da ordem de $N = 1.000.000$, ou superiores. Segundo eles, existiriam pelo menos um milhão de civilizações técnicas dispostas a entabular conversação cósmica conosco, somente na Via Láctea!

Esta discrepância entre o pior e o melhor caso é um indicador excelente do grau de nossa ignorância xenológica; uma boa medida do quanto ainda resta a aprender sobre o universo e a evolução da vida em geral e o desenvolvimento e sobrevivência da inteligência em particular.

De qualquer modo, em suas quase quatro décadas de existência, a equação de Drake teve o grande mérito de desenvolver tremendamente nossa capacidade de especular de forma inteligente sobre a possibilidade real de existirem civilizações alienígenas. Como ferramenta matemática, embora imprecisa pela própria carência de

dados estatísticos confiáveis (afinal, por enquanto só conhecemos uma espécie racional...), a equação de Drake vem cumprindo o objetivo de auxiliar os estudiosos de SETI a compreender a complexidade da questão xenológica e os diferentes aspectos envolvidos no surgimento e desenvolvimento da inteligência alienígena... e humana.

Bibliografia:

- Brin, David: “Mystery of the Great Silence” in Bova, Ben & Byron Preiss [editores]: *First Contact — The Search for Extraterrestrial Intelligence*, NAL Books (1990, 2nd Edition).

Revisão abrangente dos principais argumentos e teorias prós e contrários à existência de civilizações tecnológicas alienígenas. Escrito por um astrofísico e autor de FC que meditou bastante sobre SETI, tanto em termos científicos quanto ficcionais.

Esse ensaio é uma fusão e expansão de dois outros, “Xenology: The New Science of Asking Who’s Out There” e “How Dangerous is the Galaxy?”, publicados na *Analog* respectivamente em 1983 e 1985. Ao final do artigo, o autor propõe novos três novos parâmetros para a equação de Drake.

- Drake, Frank: “The Drake Equation: A Reappraisal” in *ibidem*.

Uma reavaliação curta mas interessante da importância da equação de Drake para o desenvolvimento da pesquisa SETI levada avante por seu criador.

- Lodi-Ribeiro, Gerson & Ronaldo Fernandes: “A Questão de Fermi” in *Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica*, Nº 9, Record (1990).

Alguns insights sobre SETI em português.

- Shklovskii, Iosef S. & Carl Sagan: *Intelligent Life in the Universe*, Delta Books (1966).

Um clássico autêntico sobre o assunto que resistiu maravilhosamente bem à prova do tempo. De interesse particular para o assunto abordado neste ensaio é o capítulo 29: “Distribution of Technical Civilizations in the Galaxy”.

150 anos depois de ser inventada, termina a construção da 'Difference Engine', a avó do computador moderno

Quando as pessoas se surpreendem com os prodígios da tecnologia, buscam no passado as bases para o presente. Afinal, as coisas não surgem de repente, sem mais nem menos — existem eventos encadeados que levam a determinadas conquistas tecnológicas. Assim, são tiradas do baú velhas previsões de cientistas e idéias de autores de ficção científica. São redescobertos aqueles inventores que quase chegaram lá: por pouco não anteciparam o futuro. O matemático inglês Charles Babbage (1792-1871) é um belo exemplo.

Na década de 1820 ele iniciou a construção de uma máquina, a "Difference Engine", que seria uma versão oitocentista do IBM PC. No mínimo, antecederia em cem anos o desenvolvimento da computação e faria da Revolução Industrial que conhecemos parecer café pequeno. Mas Babbage não podia bancar sozinho este empreendimento. Precisava do financiamento do governo britânico, o que conseguiu só no início. Morreu sem ver seu invento funcionar.

Nem tudo estava perdido. Usando o projeto de uma versão aprimorada, a "Difference Engine No. 2", em 1991 o Science Museum de Londres construiu em parte a máquina vislumbrada por Babbage. Faltou tirar da prancheta o sistema de impressão. E só agora em janeiro de 1999, com o patrocínio da Microsoft, é que sua construção está sendo concluída. É o que informa o ensaio "The Little Engine That Couldn't" de 15/01, da "Feed Magazine" <<http://www.feedmag.com>>.

Segundo esta revista eletrônica norte-americana, finalmente poderemos defrontar a realidade com a ficção. Isto é, será possível testar a real plausibilidade das histórias alternati-

vas (H.A.s) da literatura "steampunk". Uma H.A. tem como fundo-de-pano um mundo que é igual ao nosso até um determinado momento da História, onde, por qualquer motivo (Paraguai vence a Tríplice Aliança, holandeses consolidam sua ocupação em Pernambuco, nazistas ganham a II Guerra Mundial e por aí vai), ele seguirá outro caminho, tornando-se uma linha temporal alternativa (LTA). No caso, o futuro chega mais cedo e máquinas a vapor do tempo da "Difference Engine" desempenham na chamada Era Vitoriana (período que engloba o reinado da Rainha Vitória I da Inglaterra, que vai de 1837 a 1901) papéis equivalentes aos dos computadores de hoje.

Não é à toa que a mais conhecida obra do gênero é *The Difference Engine* (1991), escrito a quatro mãos por William Gibson e Bruce Sterling, do primeiro time dos escritores norte-americanos de ficção científica que afloraram no final dos anos 70. É um "thriller" que se passa em 1885, num cenário onde naturalmente Babbage é bem-sucedido e com isso aterrissa no século 19 toda uma parafernália eletrônica que só vai existir na "nossa linha temporal" (NLT) a partir da segunda metade do século 20.

O problema é que "The Difference Engine" não vendeu bem o peixe do "steampunk". Os leitores tradicionais de Gibson e Sterling encontraram dificuldade em entender a linguagem de época. Acharam que eles se concentraram muito na criação de um "background" detalhado e plausível, deixando de lado a caracterização dos personagens, que ficaram bidimensionais (de papelão) e nada convincentes. A trama tornou-se meio apagada e o final sem graça. O texto

merecia ser mais burilado.

Além de inventor bastante criativo, Charles Babbage era conhecido por seus contemporâneos como um sujeito polivalente e excêntrico (leia-se: "um pouco" esquisito). Tinha o prestígio de ser filho de banqueiro e, como Isaac Newton, teve o privilégio de se formar no Trinity College da Universidade de Cambridge. Podia dar asas à imaginação, sem se preocupar em ser ridiculizado.

Como acadêmico, tentou estabelecer uma ponte entre a ciência e a teologia, entender os milagres como fenômenos da natureza e até calcular a probabilidade do homem ressuscitar. Ajudou a fundar a Statistical e a Royal Astronomical Society. Foi, tal qual Newton, professor Lucasiano de Matemática em Cambridge e um cientista que pensava que tudo no universo podia ser previsto e quantificado.

Tinha uma verdadeira obsessão por números. Aplicava seus conhecimentos matemáticos na hora de apostar numa corrida de cavalos. Recebia pelos Correios pilhas de pedidos para fazer estatísticas. Media os batimentos cardíacos de um porco e afixava um valor numérico para a respiração de um bezerro em nome de sua "Tabela de Constantes da Classe Mammalia".

Propôs em 1856 ao Smithsonian Institution fazer uma "Tabela de Constantes da Natureza e da Arte" a conter "todos esses fatos que podem ser expressados através de números nas várias ciências e artes". No *Mechanics Magazine* do ano seguinte, publicou a "Tabela da Frequência Relativa das Causas de Quebra de Janelas de Vidro Plano" sobre 464 quebras, das quais 14 seriam da responsabilidade de "homens bêbados, mulheres, ou garotos". Pensava Babbage que a tabela

teria inúmeras utilidades e ainda serviria de incentivo para outros realizarem estudos mais detalhados sobre o assunto.

Fascinado por fogo e calor, ele foi “assado” (sic) uma vez em um forno a 129 graus Celsius durante cinco ou seis minutos e chegou perto da cratera do Monte Vesúvio para ver lava fundida. No meio da apresentação de uma ópera alemã, desinteressado com o espetáculo, acabou desviando a atenção. Notou que em determinada cena o gorro branco de um amigo seu ficava rosa. Resolveu daí “fazer luzes coloridas para representação teatral” e criar um balé de 60 dançarinas só para testar seus experimentos.

Na verdade, Babbage não era um grande apreciador de música, muito menos daqueles que a apreciavam. Ficava irritado ao ver pessoas cantando

na rua. Fora música erudita, o resto era para Babbage a mesma coisa que barulho, que, segundo seus cálculos, tinha tirado 25% da sua capacidade de trabalho. Uma razão a mais para escrever aos jornais advogando sua nobre causa. Atitude que só aumentava os problemas, tornando-o uma figura antipática. A vizinhança contratava músicos e orquestras só para aborrecê-lo. O povo o perseguia constantemente, jogando gatos mortos em sua casa e quebrando as janelas. Embora fosse grande entusiasta da industrialização, odiava ver Londres se empilhar de fábricas e proletários. E o pior é que não compreendia a relação entre o crescimento da cidade e a Revolução Industrial.

A própria falta de tato impediu Babbage de se dar bem na política e de poder construir as “Difference” e

“Analytical Engine”. Não sabia persuadir, era um político confuso (republicano liberal, pró-aristocrático e antisocialista), impaciente e, é óbvio, extravagante demais.

Alguns links interessantes sobre o assunto:

- Biografia de Charles Babbage: <http://ei.cs.vt.edu/~history/Babbage.html>.
- “Unnatural Selection” – sobre a história da tecnologia: http://www.feedmag.com/html/feedline/98.07standage/98.07standage_master
- Dicionário sobre os termos técnicos da “Difference Engine”, dividido em duas páginas: <http://www.sff.net/people/gunn/dd/a-m-tops.htm> e <http://www.sff.net/people/gunn/dd/n-z-tops.htm>.
- Literatura steampunk, seus autores e textos: <http://www.steampunk.com>.

Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

- **Astaroth**. Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Hiperespaço**. Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970
- **Hipertexto**. Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.
- **Informativo Perry Rhodan**. Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do “Perry Rhodan Fã Clube do Brasil”. Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.
- **Intrepid**. Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.
- **Juvenatrix**. Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Megalon**. Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180
- **Notícias... do Fim do Nada**. Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150
- **Brief News**. Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.
- **Suplemento de Ficção Científica**. Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.
- **Fábrica de Fanzines**:
Todos os fanzines da “Fábrica” são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:
 - **Biblioteca Essencial da FCB**: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.
 - **Borduna & Feitiçaria**: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.
 - **Brazuca Review**: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.
 - **Diário do Fandom**: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.
 - **Papêra Uirandê Especial**: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.
 - **O Rhodaniano**: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.

As baratas morrem de costas

por António de Macedo

Por mais violentamente que se esforçasse por inclinar o corpo para a direita tornava sempre a rebolar, ficando de costas. Tentou, pelo menos cem vezes, fechando os olhos para evitar ver as patas a debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no flanco uma ligeira dor entorpecida que nunca antes experimentara.

Franz Kafka, *A Metamorfose* (1912)

Tenho o dever de deixar registado este relato. Digo bem: o dever. Sou deontologicamente obrigado a fazê-lo na minha qualidade de salvador da humanidade. A minha descoberta, tão dramática quão crucial, ter-me-ia valido o antigo Prémio Nobel se ainda existisse Prémio Nobel, mas prefiro não especular sobre tudo aquilo que as coisas do mundo poderiam ter sido, as coisas passam ou transfiguram-se, a sífilis foi o terror sexual do século XIX porque era então incurável, e quando deixou de ser um problema no século XX teve de surgir um novo terror sexual, a sida, e quando finalmente a sida deixou de ser um problema no século XXI surgiu um novo terror sexual, a sigrena, para a qual não houve tempo de se encontrar solução porque no momento em que finalmente se descobriu a potencialidade da radiação hidrónica sobre o efeito hipercrómico do ADN — deu-se o colapso.

Aliás, e sem pretender entrar em considerações filosóficas alargadas, será bom não esquecer que as soluções que os homens — mais concretamente os cientistas — têm encontrado para resolver os problemas que na maioria dos casos são eles mesmos que os criam, criam por sua vez novos problemas, de tal sorte que parece que a imaginação do Universo anda sempre alguns passos à frente da imaginação dos homens por muito loucos que sejam, e um exemplo claro do que afirmo foi precisamente a cura da sida, que referi há pouco: primeiro foi o fracasso da criação de mutavírus retro-sidofágicos, que o paciente engolia em cápsulas de timina colóide polipeptídica e que depois dos primeiros dias de êxito passaram a devorar com entusiasmo, além dos indesejáveis vírus HIV, as moléculas ósseas e os respectivos cimentos intercelulares de cálcio, e os felizes ex-sidosos perdiam o esqueleto em cerca de quarenta e oito horas e passavam a arrastar-se como sacos-cama de plástico com o zipper mal fechado e sem ninguém lá dentro. O que fez subir em flecha, em menos de uma semana, a oferta de empregos e as pensões de reforma por invalidez inclassificada.

A verdadeira cura foi menos traumática, ainda que de resultados controversos: graças às nanotecnologias de ponta foi possível construir-se um picocomputador do tamanho duma molécula de noretinodrel, que injectado aos milhões nos vasos conjuntivais — silencio piedosamente o lado desagradável da picada nos olhos — reprogramava o ácido ribonucleico dos perniciosos vírus com reconversão do respectivo genoma, transformando-os em inofensivos agentes hipoalergénicos. A cura foi definitiva, mas como não há bela sem senão, os estremecimentos que os novos agentes produziam no sistema linfático, durante os três meses mínimos de tratamento, provocavam por sua vez uma monumental cócega interna que se traduzia externamente por um riso incontrollável, do que resultou que na primeira década do século XXI três sétimos da humanidade cambaleavam nas ruas acometidos por gigantescas e imparáveis gargalhadas, devo em boa verdade consignar que por vezes se geravam situações de grande inconveniência, por exemplo nos enterros, nas paradas militares, nas entregas dos Óscares, nas conferências de paz, nas peregrinações, nas campanhas eleitorais.

Reconheço que estou a desviar-me do assunto principal mas a verdade é que nem sei por onde lhe hei-de pegar, de tal modo foi desconcertante o que se passou e tão escassos eram os indícios iniciais do que estava realmente a acontecer. Pedindo desculpa de parecer enfático, retórico ou mesmo academizante em demasia, começarei por fazer duas citações que me parecem apropriadas. Primeiro, noblesse oblige, da venerável Bíblia, do primeiro capítulo do Livro de Job:

«Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satan entre eles. O Senhor disse-lhe:

«— Donde vens tu?

«Satan respondeu:

«— Dei a volta ao mundo e passei-me por ele.

«O Senhor disse-lhe:

«— Reparaste no meu servo Job? Não há ninguém igual a ele na terra: íntegro, recto, temente a Deus, afastado do mal.

«Satan respondeu ao Senhor:

«— E é acaso a troco de nada que Job teme a Deus? Não tens protegido a sua pessoa, a sua casa e os seus bens? Não abençoaos tudo quanto faz, e os rebanhos dele não cobrem toda a região? Mas estende a tua mão e fulmina tudo o que possui; juro-te que te amaldiçoará na tua face!

«Disse-lhe então o Senhor:

«— Pois bem! Tudo o que ele tem está em teu poder; mas por enquanto não estendas a mão contra o seu corpo.

«E Satan saíu da presença do Senhor».

Não vou perder tempo a discutir o facto interessante de Satan andar em grupo, familiarmente, com os «filhos de Deus», nem as amenas cavaqueiras que ele e o Senhor entretêm, nem ainda as recreativas apostas com que se desenfadam, e que têm por objecto o imprevisível comportamento dos desprevenidos mortais. Basta que se registre o antigo costume, de Satan, de se passear pelo nosso planeta, acompanhado provavelmente pela sua coorte de espíritos maléficos e outros mafarricos, procurando sem dúvida ganhar o maior número possível das tais apostas à custa das nossas misérias, das nossas fraquezas e — sabemos-lo hoje — da impetuosa e irresistível criatividade científica de que tanto se orgulha a raça humana.

Apenas adicionarei mais uma citação em abono desta tremenda verdade, atestada canonicamente pela Bíblia e vislumbrada por alguns visionários e iniciados, como Goethe, em cujo Livro Primeiro do Fausto, por exemplo, no Prólogo no Céu, deparamos com uma situação semelhante, com a diferença de que o objecto da aposta não é Job mas o velho lunático do Doutor Fausto; Mefistófeles queixa-se da porcaria em que está o mundo, como sempre, e o Senhor responde-lhe:

«O Senhor — ... Sempre queixumes! Nunca há-de na terra existir coisa que possa contentar-te?

«Mefistófeles — Senhor, nunca! É tudo tão mau e os homens causam-me tal pena, com as suas dores, que nem me apraz atormentá-los.

«O Senhor — Conheces Fausto?

«Mefistófeles — O doutor?

«O Senhor — Meu servo!

«Mefistófeles — Maneira singular tem de servir-vos, esse insensato... Aos céus inveja as mais belas estrelas, e da terra anseia gozos inalcançáveis... Quanto mais afastada a coisa, mais a cobiça, e o que perto tem não o acalma.

«O Senhor — Seja como for serve-me, ainda que cego pelo erro. Em breve o guiarei à claridade.

«Mefistófeles — Quanto apostais vós que há-de perder-se, se me derdes licença de levá-lo suavemente pelo meu caminho?

«O Senhor — Enquanto viver vida terrena, não te é proibido tentá-lo. Enquanto luta o ser humano está sujeito a errar.»

A terrível calamidade que sobreveio ao pobre mundo derivou precisamente destes jogos de sobrenatural prestígio que só na aparência são inofensivos, e é bom não esquecer que para tirar partido das distrações do adversário o diabo é mestre, e muito do que tem conseguido deve-o a um truque que não lembraria a Deus, e que se pode resumir na lapidar frase de Beaudelaire: «La plus belle ruse du diable est de nous persuader qu'il n'existe pas».

Os homens, embriagados pelos êxitos consecutivos da ciência e das supertecnologias, aboliram definitivamente das suas preocupações tudo quanto não fosse quantificável em termos de Física, de Matemática ou de Biologia (e correlativo cortejo de disciplinas afins, desde a nanologia anagógica à psiconomia automacional). A matéria e a energia foram desfibradas e espremidas até os quarks, as subpartículas N e as hypostrings berrarem com as dores, e os físico-químicos declararam, contentíssimos, que depois disso não havia mais nada porque já estava tudo, mas tudo, desfibrado e espremidido. O espírito e a alma esfumaram-se no labirinto das superstições pré-históricas e o Reino dos Céus e mundos invisíveis e impalpáveis subjacentes foram relegados para o sótão dos velhos trastes medievais sem lugar no mundo perfeito dos nossos dias, em que as únicas realidades imateriais que se toleram são as trips de VR-10 no cada vez mais alucinante Ciberespaço interactivo.

Uma notável confirmação deste pressuposto foi o Efeito de Chandler-Bogart, descoberto por dois físicos, simultaneamente, em pontos opostos do globo, na Canamérica e na Australésia, e que permite a transferência, em tempo real, duma onda de matéria-energia com um algoritmo informático associado de complexidade praticamente infinita, proeza notável se pensarmos que certas grandezas transferidas por este processo contêm quantidades de informação de tal ordem que se fossem tratadas por um computador de altíssima velocidade da última geração, à razão de cem biliões por segundo, a idade do Universo não chegaria para lhes descodificar nem a terça parte.

Começaram por fazer desaparecer moscas do vinho-a-martelo (*Drosophila pertinax*), depois de elaborada a respectiva cartografia genómica integral, num desintegrador algorítmico neurodinâmico de grande potência. Foi interessante constatar que da mosca não sobejou no espaço da operação uma única partícula, parecia que todos os constituintes atómicos e subatómicos do infeliz insecto tinham desaparecido num choque de antimatéria. Este foi o trabalho de Chandler.

Bogart, por sua vez, ao receber por transmissão fotónica o respectivo mapa genómico teve a ideia de o introduzir num reintegrador algorítmico matricial no seu laboratório, ou seja, no lado oposto do globo, e a mosca aí surgiu com todos os seus pertences, incluso uma mancha de mercurocromo que tinha ficado aderente, por engano, numa das patas

a quando da experiência de Chandler.

Como se vê, tinha acabado de se descobrir a teletransportação.

Passo por alto o que todos conhecem da História, a excitação inicial, a incredulidade de muitos, a cupidez dos magnatas, os sorrisos bélicos dos governos e a satisfação de todos: deixaria de ser preciso viajar por lentos e incômodos meios terrestres, aquáticos, aéreos ou espaciais: bastava entrar numa cabine, consultar um painel, seleccionar o destino, carregar num botão e sair doutra cabine no local do destino escolhido por mais distante que fosse. O tentacular consórcio japonês Hondota-Toyabishi ganhou a corrida dos componentes mais engenhosos e mais baratos, impôs a sua própria standardização que se espalhou a todo o mundo e o novo meio de transporte foi baptizado com o nome sóbrio — e credor duma vaga elegância greco-suméria — de Telagog.

Passo por alto igualmente as acesas discussões metafísicas a que se entregaram alguns filósofos da Antiga Escola, que curiosamente ainda perdurava a par doutras velharias como a fecundação natural (penso que esta se mantém porque os humanos sempre a acharam mais divertida do que a artificial). Argumentavam os ditos filósofos — com argumentos passadistas, escusado será dizê-lo, não desprovidos no entanto duma mais que perversa sagacidade escolástica — que se um ser vivo pode reduzir-se, num dado momento (correspondente ao estado instantâneo do arranque da viagem) a um modelo numérico, ainda que de googólica complexidade, não será de temer que a «consciência», que é uma «selva fluida a quatro dimensões», fique presa a essa tomografia, e que o ser reconstituído em seguida a partir desse algoritmo permaneça num estado apático de «consciência fixa», apenas com três, ou pior ainda, com duas dimensões? O ser que se obtém no telagog de chegada será ainda o mesmo que penetrou no telagog de partida?... Estas e outras perguntas ainda mais subtis e sagazes perturbaram durante muito tempo os novos bizantinos da Antiga Escola, que na verdade, e sob outras formas, continuavam preocupados com a nevrálgica e eterna questão de saber se as mulheres têm ou não têm alma, e, já agora, com o sempre novo e palpitante problema do sexo dos anjos.

As primeiras experiências feitas com animais não forneceram respostas concludentes, uma mosca ou uma galinha são sempre um bocado estúpidas tanto à partida como à chegada, e os seres eram desintegrados e reintegrados sem que aparentemente nada se perdesse nem nada lhes fosse subtraído da organização fisiológica ou das reacções comportamentais. Aliás, e por sua vez, os filósofos da Nova Escola aproveitaram o êxito desta espantosa operação para rebater os velhos argumentos e para provar, na prática, que a chamada «alma» de que se reclamavam os antigos não existia nem nunca existiu, pois tudo quanto constituía um ser vivo, incluso a consciência, se reduzia a um padrão numérico liminarmente contido nos constituintes físicos da forma corporal. Cimentados nesta segurança os experimentadores avançaram confiadamente na utilização do aparelho para o transporte de seres humanos.

Foi mais ou menos por essa época que começaram a dar-se algumas ocorrências perturbadoras. Uma das primeiras aconteceu num ameno dia de fim de Primavera pouco após o início dos exames escolares. Uma das crianças — por sinal o pior aluno da turma — chegou a casa depois de ter chumbado logo ao primeiro exame, viu o sorriso da mãe e perdeu a cor. Passado algum tempo — não muito — perdeu mais qualquer coisa, e quando a polícia chegou só encontrou alguns ossos calcinados por uma radiação de tipo novo que os laboratórios, após árduas análises, e apesar dos abundantes vestígios de enxofre, desistiram de identificar.

Tendo-se interrogado a vizinhança, soube-se que a criança andava na Interescola Aneurolíptica n.º 13 e o pai era dador de hormonas pancreáticas em part-time, de momento no desemprego. Descobriu-se depois que os ossos eram do filho e do pai. Uma vizinha de idade avançada e grande consumidora de antigos CDs-«AAS» [«Audio Animatronic Simulators»] de História e Arqueologia recordou a péssima reputação do número 13 e as suas equívocas influências de acordo com primitivas e esquecidas superstições; por outro lado, e a agravar, sendo o infeliz miúdo tão mau aluno, e numa escola com um número destes, não era de admirar que concitasse duma forma ou doutra as fulminações do destino, e estava-se mesmo a ver que acabaria mais tarde ou mais cedo como acabou. O que não explicava, no entanto, o trágico fim do pai, que não tinha nada a ver com a escola nem era má pessoa.

O trabalho feito pelo misterioso assassino sobre as duas vítimas fora duma perfeição diabólica, e a mãe, cujo paradeiro até então se desconhecia, acabou por ser abatida alguns dias depois quando tentava fazer o mesmo a um par de psicobêbados que vinha a sair dum narcobar. Depressa se apurou que a perversa senhora praticara aquele repugnante delito após ter regressado por telagog duma viagem de rejuvenescimento ao Instituto Lipodérmico do Alaskanda. A polícia, iludida pelo que se verificou mais tarde ser uma pista falsa, fechou o Instituto e reduziu-o a fragmentos para analisar tudo quanto lá se encontrasse e que pudesse considerar-se minimamente tóxico, sobretudo para o sistema nervoso. Esta exaustiva investigação acabou por revelar-se inconclusiva, pois os produtos utilizados no rejuvenescimento das clientes eram todos tão tóxicos que bastava abrir-se um boião para caírem as moscas do tecto e morrerem os ratos recém-nascidos, dentro dos buracos.

Muitos outros casos houve, talvez não tão desconcertantes mas nem por isso menos expressivos. Citemos, ao acaso:

— um filho considerado um modelo de sisudez e de piedade filial, que depois duma viagem enterrou vivos, na horta traseira da casa, os velhos pais enrolados numa ninhada de cobras dói-dói, igualmente vivas;

— um Director-Geral muito influente que ficou coberto de pelos hirsutos e se pôs a correr de noite pelas ruas da cidade, todo nu, rosnando e deitando baba, em busca de meninas de tenra idade;

— uma mulher grávida que pariu um ser inclassificável dotado de três pequenos cornos na testa e que começou por devorá-la pelos seios, a pretexto de mamar, devorando em seguida todo o resto e só deixando ossos calcinados, impregnados de cheiro a enxofre;

— uma cibernauta modelo que no ano anterior alcançara o 1.º lugar do voluptuoso concurso «Miss Universo Cyber-Nua», que irradiou com um jacto de polipecto nebulizado o impulsor central de fornecimento de ar do gigantesco edifício inteligente da Exxom Computers Inc., e logo ao primeiro digitar telefónico num dos andares o edifício explodiu e morreram carbonizados os seus 50.000 ocupantes;

— um Chefe de Estado de grande sobriedade e virtude que depois duma viagem em telagog reuniu todos os seus ministros e todos os funcionários superiores dos respectivos ministérios e respectivos familiares, e ofereceu um banquete monumental, no qual, inspirando-se num velho autor latino, mandou servir as carnes e os peixes por ordem alfabética, um primeiro prato começado por A com amêijoas, anchovas, andorinhas, alces, atum, avestruzes, etc., um segundo prato começado por B com búzios, bois, badejo, bifés de baleia, bacalhau, bezugo, etc., um terceiro prato começado por C com codornizes, cavalinhas, cherne, carneiros, caracóis, carapaus, congros, caranguejos, cachalotes, cisnes — e assim por diante ao longo das 26 letras, e fez rodear o salão por um exército com os desinter-lasers apontados, de tal arte que os congestionados convivas foram obrigados a comer tudo até morrerem de sufocação, e os que não conseguiram foram disciplinadamente chacinados pela tropa atenta;

— etc.

Estes e outros casos semelhantes multiplicaram-se, é inútil referi-los em pormenor, fazem parte da História, os meios de comunicação esfoguetaram as notícias à velocidade da luz e o pânico generalizou-se. Falou-se numa misteriosa doença mas as opiniões dos sábios dividiram-se. Quando finalmente se descobriu que os seres atingidos eram os que viajavam no telagog já era tarde de mais. Até porque os «alterados», chamemos-lhes assim, inquinados por uma tão incompreensível quão maligna infecção eventualmente contraída nos recomplexos circuitos da máquina de teleporte, tornaram-se espertos e não davam largas aos seus medonhos instintos logo ao saírem dos terminais, pelo contrário, deixavam passar algum tempo para não despertar suspeitas. Este atraso na descoberta da relação causa-efeito entre viajar por telagog e ficar feito um monstro satânico — foi fatal. Em poucos meses um terço da humanidade estava contaminado, outro terço encontrava-se reduzido a uns restos ósseos calcinados e sulfúreos, e o último terço procurava desesperadamente salvar-se.

O excesso de enxofre que se observava, quase sempre, associado às carbonizações resultantes — quando as havia — prometia constituir uma boa pista e deu que pensar a um certo número de investigadores, mas por mais que voltassem e revirassem do avesso esta pista tão promissora não conseguiram chegar a nenhuma conclusão compensatória.

Por muito incrível e revoltante que pareça quem desvendou a origem do fenómeno e lhe avaliou as suas reais e horrendas proporções foi um obscuro alquimista judeu chamado Ben Sirac convertido ao esoterismo cristão (ainda perduravam uns quantos obstinados dessa antiga seita, propaladora da existência da «alma»), que se dedicava no sótão onde vivia a compulsar velhos alfarrábios e tratados de cabala, magia, religiões comparadas e hermetismo, e a ferver experiências inclassificáveis em retortas e alambiques donde se exalavam os mais preocupantes vapores.

De começo ninguém lhe ligou quando uma noite — levado por um jornalista na decadência disposto a quase tudo para atrair as atenções dos anunciantes que lhe fugiam — apareceu nas redes de totalvisão a falar de coisas remotas e irrisoriamente obscurantistas. Com efeito, era preciso ter um grande descaramento para vir explicar numa rede planetária que o fogo que calcinava as vítimas e o enxofre associado só podiam ser emanações das caldeiras infernais, e que o mundo, sem o saber, pululava de zombies possuídos por espíritos demoníacos da pior extracção, tão maus que nem passariam nos controlos de qualidade da mais suja, desleixada e pouco exigente prisão do Estado.

Como já ninguém acreditava nessas coisas as pessoas nem sequer sorriram, o talk show com Ben Sirac esteve quase, quase, a ser esquecido, e o seu tema só voltou à superfície quando a Embaixatriz dos Reinos Unidos da Noruécia e Dinamávia (RUND), numa recepção oficial no palacete do Embaixador, começou a falar línguas estranhas — tinha viajado por telagog uns dias antes — no que foi curiosamente imitada por um grande número de convivas que por coincidência também tinham viajado, pareciam estar a reconhecer-se numa outra dimensão, e tratavam-se por alcunhas tão inusuais como Hacamuli, Sorosma, Gotifan, Holastri, Raderaf, Pellipsis, Ikonok, Diralisen e outras do mesmo jaez. Por fim fizeram um desacato medonho, injuriaram grosseirissimamente os transidos convivas não infectados pelo sinistro morbo, proferiram blasfémias, recitaram litánias sacrílegas e puseram-se a invocar Belzebuth.

Ben Sirac viu no noticiário das 10 a reportagem deste grotesco acontecimento e não hesitou um minuto. Reuniu alguns volumes, vestiu o sobretudo e pôs-se a caminho do Estúdio 7 da HyperTTV-Five Dimensional, a maior estação do mundo de imagens holográficas suspensas no céu. De que artes se serviu para conseguir meia hora de programa não sei, só sei que vi a entrevista que concedeu e os esclarecimentos que prestou, por sorte gravei tudo, incluindo as imagens que fez projectar servindo-se de certos diagramas e figuras constantes dos tais livros herméticos que levava consigo.

Quando Ben Sirac acabou a sua intervenção eu já tinha uma explosiva ideia a fosforejar-me pelo cérebro acima com relampagozinhos tão feéricos quão geniais. Corri para o meu laboratório de Biologia onde dirijo uma equipa de cientistas que se dedica ao gratificante trabalho de produzir mutações instantâneas em certas espécies animais particularmente

dotadas. Devo fazer notar, entre parênteses, que o Governo nos havia proibido de mostrar a quem quer que estivesse bom da cabeça os produtos finais das nossas experiências, mas, tirando esse pequeno contratempo, podíamos dar-nos por felizes com os excelentes resultados práticos e sobretudo científicos — científicos, não necessariamente éticos ou estéticos — da linha de pesquisas a que nos vínhamos dedicando nos últimos anos.

Em síntese, Ben Sirac dissera o seguinte:

Há certas leis universais que têm de ser cumpridas, quer queiramos quer não, pois têm muita força ainda que não nos demos conta delas. Os cientistas são capazes de descobrir e quantificar as leis do Universo material e desprezam as não menos fortes e coercivas leis dos misteriosos mundos suprafísicos só porque os seus instrumentos de medida não conseguem penetrar em tais mundos. Uma das mais importantes destas é a Lei da Atracção Simpática, que decreta que «o semelhante atrai o semelhante». Cada pessoa atrai para si o que escolhe atrair, ainda que inconscientemente, por meio dos seus pensamentos, palavras, sentimentos e acções. Somos como poderosos ímanes, por força dos pensamentos e sentimentos que criamos nas nossas auras. Estamos permanentemente a emitir um «convite», com as nossas emanações áuricas, a pessoas concretas ou a entidades invisíveis que se aproximarão de nós ou se afastarão consoante a qualidade das nossas vibrações. Se formos harmoniosos atrairemos entidades boas, mas se formos egoístas, rancorosos, depressivos atrairemos as mais negras dessas entidades que vagueiam no que antigamente se chamava o «baixo astral».

O que sucedeu na recepção da Embaixatriz do RUND foi uma chave inapreciável. Ben Sirac identificou todos os nomes com que os convivas «possessos» se alcunhavam entre si: todos eles, e muitos mais, constam dum raríssimo manuscrito hebraico encontrado em Veneza no século XV intitulado A Magia Sagrada que Deus deu a Moisés, Aarão, David, Salomão e Outros Profetas, onde se listam os principais espíritos demoníacos que atormentam, sempre que podem, a pobre (mas culposamente convidativa) humanidade, às ordens de Satan, e lá vêm os nomes de Astaroth, Asmodeu, Belial, Belzebuth, etc., além de centenas doutros das ordens inferiores.

Que aquelas pessoas atraíssem demónios em vez de anjos não é infelizmente admirável, pois será mais normal para o vulgar, vicioso e iníquo ser humano emitir vibrações negativas do que positivas; o que é admirável é que isso tenha ocorrido, sempre, no momento da passagem pelo telogog. Aqui Ben Sirac teve de regressar ao velho tema da alma. Pois a alma existia, senhores, e era justamente a única coisa que não podia ser reconstituída nos terminais de chegada da perfeitíssima máquina, por ser imaterial e não poder reduzir-se, digitalmente, a um padrão numérico! O ser obtido no terminal de chegada era um invólucro vazio, sem espírito, mas com todas as memórias armazenadas e todos os componentes e mecanismos orgânicos capazes de funcionar desde que animados ou melhor, conduzidos por um «piloto» — fosse esse piloto o verdadeiro espírito dono daquele corpo, ou um espírito intruso que passasse nas proximidades no momento da transferência, ou seja, da «desalmação», e se aproveitasse da oportunidade introduzindo-se nesse habitáculo sem inquilino para se deleitar com os vícios grosseiros próprios da vida terráquea, uma vez que no inferno, por ser imaterial, esses horríveis e deliciosos vícios jamais podem ser gozados!

Por outro lado, explicou Ben Sirac, não são só as vibrações negativas dos seres humanos que atraem os demónios, é sobretudo o ferro que têm no sangue e que dá a cor vermelha à hemoglobina, pois o ferro está cabalisticamente associado ao vermelho planeta Marte, sede tradicional dos espíritos luciferinos. Bastava que em vez de ferro tivessem cobre, associado ao verde planeta Vénus, fonte de amor, de harmonia, de beleza e suavidade, sede dos sagrados Senhores de Vénus, Mensageiros de Deus, e provavelmente este desgraçado percalço já se não verificaria.

Quando enfim Ben Sirac concluiu a sua exposição e o programa terminou eu já tinha, conforme disse atrás, uma ideia bastante clara do que era preciso fazer. Aliás a solução pareceu-me tão óbvia e tão primária que me surpreendo como não ocorreu a outros cientistas a trabalhar igualmente na investigação e na manipulação dos mecanismos biológicos.

Reuni um selecto grupo dos mais dotados dos meus assistentes e expus-lhes a minha ideia. Primeiro ficaram horrorizados, mas depois duma discussão no gabinete mais reservado do laboratório, à porta fechada, reconheceram que não havia alternativa e concordaram em pôr a ideia em prática. Para falar com toda a franqueza a dificuldade maior consistia precisamente nisso, pô-la em prática, apesar do princípio teórico ser muito simples: mediante uma judiciosa cadeia de manipulações genéticas auxiliadas por bancos informáticos de nucleótidos artificiais, seria possível estabelecer um operador de recombinação que substituísse a molécula de ferro transportada nos quatro «grupos heme» da hemoglobina humana por dois átomos de cobre, em combinação com uma molécula de oxigénio, desde que contidos numa proteína específica: a hemocianina. O lado desagradável da questão é que a hemocianina é o pigmento sanguíneo dos artrópodes, e a mutação instantânea — especialidade do nosso laboratório, conforme já referi — não deixaria de ser violenta, pois passar dum mamífero para um artrópode em poucos minutos não é brincadeira nenhuma. Além disso teria de se escolher qual o artrópode mais aconselhável, e após dois dias de discussões humilhantes para não dizer mesmo ignominiosas a escolha recaiu nos blatóideos dictiópteros, para ser mais preciso: na ordem dos Blatários.

Bom, falar em ordem dos Blatários é prolongar inutilmente a confissão da vergonhosa verdade, sejamos claros e digamos — baratas!, os seres humanos teriam de se converter em baratas, com cobre no sangue em vez de ferro, se queriam ver-se livres dos mortíferos ataques dos imparáveis demónios! O problema era: como convencer a humanidade

a aceitar pacificamente esta deplorável metamorfose? Não iriam muitos preferir uma morte atroz, sulfúrea e tudo, à vexatória condição de se arrastarem como mal-cheirosas baratas enquanto se não descobrisse um método seguro e eficaz de se inverter o processo?

Eu e os meus assistentes tomámos então a única decisão que se nos afigurou viável, ainda que drástica e tragicamente truculenta: a raça humana teria de ser salva, isto é, transformada, sem o saber! Teoricamente não era impensável espalhar por todo o planeta uma nuvem de «macromoléculas de função» que ao serem inaladas iniciassem a reacção em cadeia necessária e suficiente para que a metamorfose se processasse; como fazê-lo, porém?... Espalhar a nuvem a partir dum satélite?... O assistente mais novo, um rapaz azougado sempre cheio de ideias em geral perigosíssimas e muitas vezes, felizmente, pouco exequíveis, sugeriu o velho Museu de Astronáutica onde avultava, no lugar de honra, um gigantesco foguetão «Saturno V» que por atenção às visitas escolares e julgo que também por razões histórico-pedagógicas se encontrava ainda operacional; bastaria carregá-lo com uma ogiva cheia de macromoléculas, acender a ignição e dispará-lo para o espaço: tratava-se duma estrutura suficientemente velha para não sair da zona de atracção da Terra, podendo assim espalhar a nuvem salvadora logo abaixo da camada de ozono da estratosfera.

Descontando o lado rocambolesco da aventura, uma noite, que nos fez lembrar uma velhíssima série que nos divertia na juventude e que costumávamos ver na Videoteca Arqueológica, chamada, se a memória me não falha, Missão Impossível, tudo correu bem e o «Saturno V» estilhaçou o telhado do Museu e dezoito edifícios anexos, ergueu-se majestosamente no espaço e cumpriu a sua função.

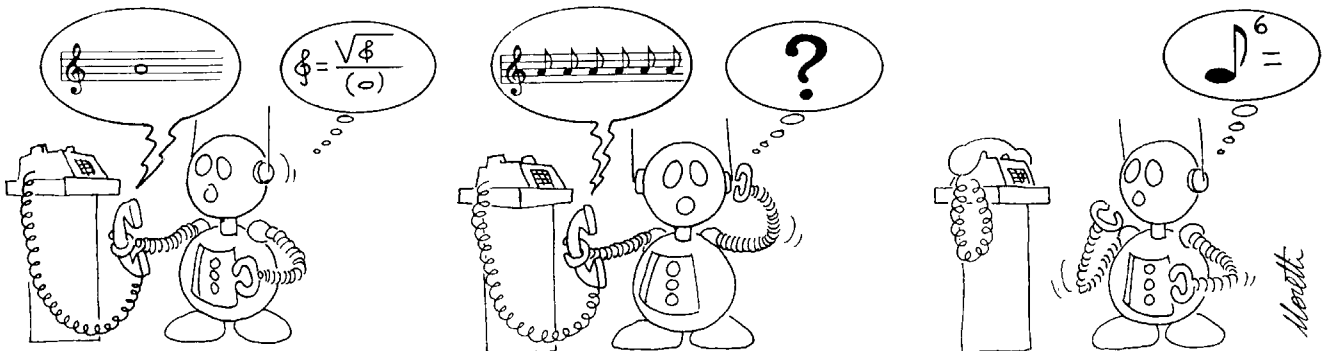
Enfim, podia ter cumprido com um pouco menos de entusiasmo. Nós ignorávamos que o foguetão transportava uma bomba nuclear de mil megatoneladas, tudo leva a crer que por razões igualmente pedagógicas. Podia ter sido uma desgraça se não tivesse caído numa vastíssima zona desabitada da Sibéria, tão desabitada que a Sibéria é o único local do mundo que mantém o mesmo nome, a explosão fez a Terra saltar um pouco fora do eixo e o terramoto vertical foi tão vibrante que todos os seres e todas as coisas foram atirados ao ar como se tivessem sido impulsionados por uma poderosíssima rede elástica.

Cabe aqui recordar, melancolicamente, o clássico axioma de Xeng-Tui (800 a. C.), retomado pelo engenheiro Murphy em meados do século XX: se uma coisa pode correr mal, corre mal e no pior momento. As enormes baratas depois de se elevarem nos ares por força da terrível concussão, e tendo 50% de probabilidades de cair direitas, sobre as patas — caíram todas, sem excepção, sobre os outros 50%, ou seja, de costas. Ficaram, naturalmente, a espernear, pois todos nós sabemos que as baratas são incapazes de se endireitar sozinhas e se ninguém as ajuda acabam por morrer nessa estúpida posição.

Eu sei que isto parece estatisticamente impossível, direi mesmo, em tantos milhões de indivíduos, altamente improvável, mas depois de ter meditado com a suficiente ponderação as instrutivas palavras de Ben Sirac, proferidas no programa que referi e que de tanto pensar nele já o sei de cor, não tenho dúvidas que tal se deveu à intromissão dos principais prejudicados, ou seja, os espíritos maléficos, que ao verem a sua entrada nos seres humanos impedida pelo venusino cobre, decidiram contrariar diabolicamente as leis da Estatística consumando assim a sua vingança antes de regressarem, rangendo os dentes e vociferando enxofre, às profundas infernais.

Devo ainda acrescentar, a bem do rigor histórico, que houve uma excepção. Devido a uma anfractuosidade no terreno caí de lado, com as patas do lado esquerdo debaixo do respectivo élitro, em posição instável e oscilando, ora para um lado, ora para outro. Seja o que for que venha a acontecer não quero que um dia, num futuro remoto, alguns visitantes alienígenas fiquem sem saber ao certo o que se passou, por isso estou a ditar mentalmente este texto para o meu telewriter psicotónico portátil, que nunca abandono.

Continuo a oscilar. Se cair, como espero e anseio, sobre as patas, ainda terei tempo de correr ao meu laboratório e tentar imaginar uma solução para que tudo volte a ser como dantes, quero dizer, antes da pernicioso invenção do telalog. Mas se cair para o outro lado...



A sala do diretor do Centro de Estudos era pequena e estreita, mas muito alta. A luz do sol entrava por janelas quase rentes ao teto, em raios brilhantes que iluminavam pequenos turbilhões de poeira.

A mesa do diretor ficava sobre um tapete de feltro embolorado, bem no centro de um mini-labirinto de estantes metálicas e cheias de livros, dessas que podem ser montadas e expandidas com paciência e uma boa chave de fenda. A mesa em si era grande e velha. Cheirava como madeira velha. Paulo Dias, o diretor em pessoa, socava fumo no cachimbo com o polegar enquanto explicava o trabalho do centro ao estagiário, um jovem recém-formado em Medicina e recém-chegado:

— Como você sabe, a maior parte das curas paranormais acontece dentro de algum tipo de ambiente religioso — Dias lambeu o polegar e, sem perceber, limpou o dedo sujo de saliva e tabaco na gravata azul. — Centros de diversas correntes espíritas, terreiros, templos pentecostais, na maior parte das vezes. Daí você percebe como é difícil obter dados científicos a respeito do fenômeno. Isso acontece porque...

O diretor fez uma pausa para acender o chachimbo, que logo começou a fumar. Um cheiro de chocolate amargo preencheu a sala.

— ... Porque as pessoas nesses lugares tendem a enquadrar a realidade na teologia. O fato da Terra ser redonda e girar em torno do sol prova que tal atitude dificilmente conduz à verdade — Dias sorriu. — Compreende?

— Claro. — O jovem não conseguiu evitar que sua voz saísse rascante, como se viesse junto com um pigarro.

— Você não tem nenhuma forte convicção religiosa a esse respeito, tem? — Dias não esperou pela resposta antes de prosseguir; aquela era apenas uma pergunta protocolar. — Então, nós reunimos aqui pessoas que acreditam possuir algum dom especial e fazemos experiências em condições controladas. E é por isso que preferimos o termo Curas Paranormais a Curas Mediúnicas. Existe uma certa carga metafísica na palavra “mediúnica”, não acha?

— Com certeza. Mas...

— “Mas”? — Pela primeira vez Paulo encarou o estagiário com interesse, como se a adversativa fosse o primeiro sinal de inteligência a chegar de um mundo distante. Aquele era um rapaz magro, loiro, sardento, com íris tão claras que quase pareciam não estar lá. De onde ele dissera que vinha a família? Holanda? Mas o garoto nascera no Brasil, ao menos segundo a ficha. — Alguma dúvida?

— Bem, sim. Como os “curandeiros” são testados? Vocês têm pessoas doentes aqui?

— Santo Deus, não! — A idéia parecia divertir o diretor, mais do que propriamente escandalizá-lo. — Mas venha. Vou lhe mostrar.

— Aqui é onde preparamos os testes — disse Paulo, fazendo um gesto amplo com os braços, como se para abarcar todo o espaço compreendido pelas paredes brancas e azulejadas. Eles estavam no laboratório. Ao redor, bancadas e jaulas com animais: porquinhos da Índia, hamsters, alguns chimpanzés. — Estes são os nossos pacientes — o diretor continuou. — Com os recursos que temos aqui podemos criar qualquer tipo de doença ou deformidade, e medir qualquer grau de recuperação aparentemente inexplicável. Assim evitamos o golpe da velhinha na cadeira de rodas. E também descobrimos algumas coisas interessantes. Observe.

O estagiário acompanhou Dias até uma gaiola com dois hamsters.

— Vê o rato da direita? — perguntou o diretor, apontando para um animalzinho bastante ativo e excitado. — Há duas semanas seccionamos sua coluna cervical. Para todos os efeitos, ele ficou tetraplégico.

— Incrível! E quem conseguiu curá-lo?

— O rato da esquerda.

Aquilo pegou o rapaz de surpresa; ele ficou quieto, com boca aberta, como se à espera de palavras que não vinham.

— Essa foi minha reação, também, quando me contaram — disse Paulo, rindo e pousando a mão no ombro do jovem. — Mas revimos todos os testes, e não há erro. Isso parece provar que tais poderes não são exclusivos da raça humana, mas comuns a todo o reino animal... ou, ao menos, aos mamíferos.

— E vocês já sabem como isso funciona?

— Não, mas descobrimos algumas limitações interessantes. Por exemplo, até agora só vimos as curas paranormais funcionarem em casos de cicatrização. Podem ocorrer cicatrizações maravilhosas, como a do tecido nervoso no pescoço do rato, mas apenas cicatrizações. Até o momento, nenhum de nossos voluntários foi capaz de remover pedras dos rins, ou um apêndice inflamado, ou deter um câncer. Ao que tudo indica, a cura paranormal é o poder de induzir a uma rápida divisão celular no local da lesão.

— E como essa indução acontece? Força de vontade?

— Ainda não temos muita certeza. Só sabemos que o fenômeno afeta o campo Kirlian.

— Kirlian? — Por mais que tentasse, o estagiário não conseguia deixar de sorrir. Afinal, ele encontrara uma brecha de superstição no frio racionalismo do diretor! — Vocês usam fotos Kirlian? Sempre achei que...

— Pois achou errado — Paulo não gostava daquilo, daquele ar de superioridade que as pessoas adquiriam quando ele mencionava as fotos. — Já está mais do que comprovado que a fotografia Kirlian pode medir, com eficiência, o grau de vitalidade de um organismo. E além disso... — ele deteve a frase bruscamente, pensando no que dizer ou fazer em seguida. — Ora, venha cá.

— Esta é a grande prova que posso apresentar a favor de minhas teorias.

Dias havia conduzido o estagiário até uma sala no subsolo no edifício, e agora lhe mostrava um homem obeso, completamente nu, conectado a uma série de monitores por uma verdadeira teia de fios e eletrodos, e deitado numa laje de pedra fria.

— Você é um médico, não? — provocou o diretor. — Então, examine-o!

O estagiário procedeu com cautela. Tocou o corpo, tentou medir-lhe a pulsação, testou a rigidez nas articulações, olhou as pupilas e, por fim, disse:

— Este homem está morto.

— Há quanto tempo?

— O corpo já atingiu a temperatura ambiente, mas não há manchas de sangue nas costas... e não há sinais de decomposição. É difícil dizer.

— Este homem está aqui, neste estado, há duas semanas.

O estagiário engoliu em seco, lembrando-se de que Paulo Dias iria ser seu superior hierárquico — e que não seria correto chamá-lo de louco.

— O que o senhor diz é... impossível — o jovem murmurou, engasgando com as palavras. — Em duas semanas...

— O cadáver estaria se desmanchando, vertendo líquido, exalando um fedor insuportável. Eu sei! Mas venha, veja os monitores.

As telas negras com linhas verdes era bem conhecidas: eletrocardiograma, eletroencefalograma. Nenhuma delas indicava qualquer sinal de atividade. Próximo a esses aparelhos havia um grande painel de luz fluorescente, onde se prendiam dois negativos fotográficos. As fotos apresentavam os contornos de um corpo humano, bastante acima do peso, envolto numa ofuscante aura branca. Ao lado, um monitor de tomografia mostrava, com sua imagem colorida e cambiante, que ainda havia alguma atividade no interior daquele corpo.

— Este homem era um de nossos voluntários mais talentosos — disse Paulo. — Ele morreu de ataque cardíaco há 15 dias. Também, com esse peso... Mas o fato é que nenhuma decomposição teve início, e a aura, como mostram as fotos, parece tão firme como antes, embora, na verdade, esteja decaindo aos poucos. Fizemos uma pequena cirurgia exploratória e descobrimos que seu coração está se regenerando lentamente, células novas ocupando o lugar daquelas mortas durante o enfarto. Percebe? Ele está cicatrizando a causa da própria morte.

— Tal processo precisaria de... energia. Proteínas. Como...?

— Ele está drenando da própria aura. É por isso que o campo Kirlian parece decair aos poucos: a energia está sendo consumida pelo processo de cura. É um cabo-de-guerra, veja bem. Se o campo se exaurir antes que a regeneração esteja completa, a morte irá se consumir. Se resistir... É claro que estamos dando uma pequena ajuda, mantendo as condições ambientais estáveis e desobstruindo as artérias.

— O senhor está dizendo que esse homem pode voltar a viver?

— Estou dizendo que embora o sistema bioquímico de seu corpo tenha sido destruído, o sistema eletromagnético ainda luta para se recuperar. Se esse homem tivesse sido enterrado e, depois de vários meses, exumado, entraria para o rol dos “cadáveres de sangue fresco” que no passado alimentou os mitos de vampiros.

“O que estamos demonstrando com muita clareza, neste Centro, é que talentos como o de curar os doentes ou ressuscitar os mortos, ou mesmo voltar da morte, estão presentes em vários indivíduos de várias espécies... e não se restringem apenas àquele único caso documentado na Palestina. Se você quiser uma explicação teológica, eu diria que estamos provando que, de fato, todas as criaturas são Filhos de Deus.”

Depois dessa última demonstração o estagiário foi conduzido a seu quarto, uma sala nua com cama, banheiro e escrivaninha. As malas já estavam lá.

Sua primeira atitude foi tomar um banho frio, na esperança de que o choque térmico clareasse as idéias. Cada vez que pensava no assunto, porém, ele se convencia de haver cometido um erro — um grande erro ao não se identificar adequadamente quando o diretor lhe fez a pergunta sobre “crenças religiosas”. Mas como explicar a vocação, o chamado que o levara ao seminário e depois o arrancara de lá, conduzindo-o à faculdade de Medicina, aos centros de curandeirismo, à busca incessante pelos sinais da mão d’Ele em cada vida salva, em cada cura realizada.

Quando ouvira falar do Centro, o estagiário havia imaginado que aquele seria o seu lugar, um espaço onde a ciência

e os misteriosos dons de Deus se reconheceriam em mútuo respeito. Mas o que ele vira — o quê? — vaidade. Blasfêmia. A ciência tentando ocupar o assento do Criador, a dizer, de forma zombeteira, que aquele cadáver flácido e inchado poderia se constituir numa símile do Salvador.

Só quando terminou de se trocar é que ele percebeu que não havia posto o pijama, como (ao menos conscientemente) pretendia. A roupa que vestira sem saber era um conjunto de calças e agasalho negros, o tipo de traje que alguém usaria para...

Esgueirar-se na noite.

Um delicado equilíbrio se rompera, e naquele instante o jovem louro soube que lhe cabia reajustá-lo.

Chegar à sala no subsolo não era difícil. Os poucos seguranças do Centro dedicavam-se apenas a vigiar as portas que davam para a rua — e não as instalações internas. Assim, o estagiário logo se viu diante do cadáver que se recusava a morrer.

Era um homem branco, cerca de 40 anos e 190 quilos. Gordo com aquele tipo de gordura que se concentra no tronco, deixando braços e pernas com uma aparência de abjeta fragilidade, e os peitos como se fossem seios flácidos de mulher. A barriga se revolvía em dobras.

Pela primeira vez o estagiário notou o tubo de alimentação, preso ao braco direito do morto; talvez o responsável pela tal “limpeza de artérias”. Caminhando até a tela do tomógrafo, o jovem notou uma série de matizes coloridos que só poderiam significar um tipo de vida vegetativa, mantida a taxas metabólicas extremamente baixas. Mas mesmo esse diagnóstico era falso — pois o corpo atingira a temperatura ambiente, e não havia atividade cardíaca, nem cerebral. Aquele era o quadro de um homem morto que não morria, uma aberração médica, um conceito que a própria linguagem não alcança adequadamente.

Como matá-lo?

O problema ético surgiu ao mesmo tempo que a questão prática. Como matar um morto? Assassinar um cadáver é pecado?

O estagiário começara a suar. Olhando ao redor em busca de uma solução para seu duplo dilema, encontrou um armário. Abriu-o: instrumentos cirúrgicos. Serras, bisturis, luvas.

É isso, pensou. Posso dissecá-lo — e não seria crime; seria aprendizado.

Equacionadas as duas questões, o jovem médico logo se preparou para o trabalho, selecionando o bisturi que pareceu mais dequado para a incisão torácica em “Y”. Respirando fundo, aproximou-se silenciosamente do corpo.

O primeiro acesso de tosse foi tão violento que literalmente arremessou o estagiário três ou quatro passos para trás, fazendo-o derrubar a mesinha com os monitores, que caíram no chão com um som abafado, as telas espatifando-se como velhas garrafas vazias.

O médico sentiu um estremecimento mórbido se apossar de seu corpo. A garganta e os pulmões ardião, enquanto alguma coisa parecia abrir caminho lá de dentro, impulsionada por violentas golfadas de ar.

Logo em seguida veio a dor, por todo o tronco, que o obrigou a se ajoelhar no chão, com os braços cruzados sobre a barriga. E então a tosse voltou, desta vez acompanhada por sangue, restos esponjosos de carne humana e pus.

No dia seguinte, a equipe de pesquisas encontrou dois cadáveres na sala. Um, o do estagiário, jazia de forma deplorável em meio a uma poça negra de sangue. O outro, sobre a laje, começava a apresentar os primeiros sinais de decomposição. Fotos Kirlian foram batidas, e o resultado não mostrou qualquer resquício de aura. Era como se ele houvesse esgotado suas energias num último grande esforço.

Havia cacos de vidro, componentes eletrônicos, serras e bisturis pelo chão, e o estagiário calçava luvas cirúrgicas. A autópsia, realizada poucas horas depois pelo próprio Paulo Dias, foi incapaz de encontrar a cavidade torácica — e isso porque uma camada anormal de tecido conjuntivo preenchia todo o espaço entre o peito e as costas, esmagando pulmões, implodindo o coração e destruindo a própria coluna.

O atestado de óbito só diz “câncer”.



De joelhos no banheiro do bar, o banheiro sujo e fedorento de um bar fedorento e sujo, Xanto vomita. Os olhos fechados, umedecidos de lágrimas, um fluxo ininterrupto de imagens oriundas da náusea perpassando-lhe a mente, aspira longos haustos de desespero e vomita de novo. Olhos entreabertos, enevoados, a visão se detém numa nódoa de merda no tampo da privada e ele vomita de novo. A retrete oscila, tremula, afunda num lodaçal de irrealidade, cada golfada mais débil e rala, até que no final não resta senão um estúpido filete de suco gástrico, amarelado como devia ser, a derradeira e irônica intrusão das forças que o cercam, envolvem-no e o perseguem, assediam-no do interior do próprio organismo. Fica de pé num gesto provisório de equilíbrio, amparado pela parede, um gosto amaro na boca. Dentro, fora, a diferença é tênue, irrelevante, nenhum território que eles não tenham conquistado, nem mesmo o espaço interior da mente. Mira-se no espelho, o rosto pálido, papuçãs escuras sob os olhos inquietos. Um trovão, as batidas na porta, dormiu aí dentro, porra? Borrifa o rosto com água fria, passa a mão no cabelo que teima em desalinhar e abre a porta. Dá de cara com um brutamontes loiro e estremece, não será um espião a vigiá-lo? Percorre o salão enfumaçado numa panorâmica. À primeira vista, apesar da luz amarelada, não vê motivo para alarme. Sai apressado, antes que a situação se volte contra ele.

Não sabe o que fazer, voltar ao local do acidente seria se entregar nas mãos do inimigo, eles devem saber que Xanto agora os identifica, de alguma forma eles sabem que ele sabe quem são. Voltar para casa, trocar de roupa. Sumir por uns tempos. Mas não estarão lá, de tocaia à sua espera? A noite quente, difícil pensar com essa onda de calor envolvendo o cérebro, a vontade é de se encolher num canto qualquer e deixar-se afundar numa morte térmica, a carne derretida mesclando-se à escuridão, dissolvendo em vapor. No entanto, a missão. A tarefa que agora é dele, pessoal e intransferível. Pode até ser que nada disso seja coincidência, ele foi escolhido, talvez haja um poder benévolo que se opõe às forças do caos e designou-o como seu campeão. Mas o que pode ele, Deus do céu, o que pode um homem sozinho contra sabe lá que conspiração mais vasta que o humano, maior do que a vida? Não sabe quem são essas entidades, de onde elas vêm, o que querem. Sabe apenas como identificá-las. A princípio, pensou que fosse uma senha, um sinal. Depois, contudo, viu que o fenômeno se produzia à revelia de seus opositores e concluiu que tinha algo a ver com a frequência eletromagnética de suas auras, alguma coisa assim. Ô, tudo bem aí? Ergue a cabeça e encontra o olhar solícito de um guarda, na certa viu-o ali, encostado num poste, olhos fechados, supôs que fosse um bêbado curtindo o porre, mas podia ser alguém passando mal, podia ser alguém ferido, melhor averiguar. Abre a boca para responder, dirá que está tudo bem, só estava descansando um pouco, mas a insígnia amarela na farda interrompe a resposta que nem chegou a formular, deixa-o ali, parado, boquiaberto. Pára aí, pára senão eu atiro. Corre desabalado, imagens de Flávia morta golpeando-lhe os olhos da mente, merda, merda, seu inconsciente registra um estampido ao longe, o guarda está atirando para cima, menos mal, querem-no vivo, na certa para interrogá-lo e descobrir o quanto ele sabe, não adianta protestar inocência, ele não é inocente, correr, correr, o guarda vai acabar alcançando-o, dobra a esquina, é um ponto de ônibus, as pessoas subindo, entra na fila sem nem olhar qual o destino.

Chega em casa algumas horas depois, teve de cruzar metade da cidade, os olhos pesam-lhe, as pernas lhe doem, quer se jogar na cama, esquecer a conspiração, esquecer o mundo inteiro, afundar num sono sem sonhos, desses que não acabam nunca. Mal põe o pé no quarteirão, contudo, pressente que alguma coisa está errada. Corre para casa, o portão aberto, ele sabe que estava trancado, a porta, a porta também, apenas encostada, fechadura forçada. É como se alguém tivesse filmado um torvelinho e congelado a cena, ele entra no fotograma, uma bagunça só, objetos jogados pelo chão, móveis revirados, a TV e o vídeo misteriosamente desaparecidos. Na cozinha, alguém abriu a geladeira e espalhou todo o conteúdo, restos de comida pisados, ovos quebrados, a gema escorrendo pelo piso esverdeado, quase que se poderia chamá-la a assinatura do autor. O assalto, claro, foi só para despistar. Apressa o passo até o quarto, encontra a mesma confusão, livros espalhados, abertos, desbeijados. O coração descompassa, se eles a encontraram, se eles encontraram a prova, a única prova que ele tem. Mas não, ela está lá, em cima do guarda-roupa, a caderneta do avô, capa de couro marrom, letras miúdas e angulosas, a história do homem que foi chefe de segurança do gabinete da vice-presidência, a confissão do homem que baleou o vice-presidente, o homem que matou o vice-presidente Zahov.

Xanto tinha três anos de idade, o que lhe ficou na memória foi uma azáfama, uma correria, o pai falando pra mãe que teu pai é louco, mesmo, a mãe chorando, a avó desmaiando, o tio acudindo, a tia berrando histérica, a TV ligada no último volume, agora falando da inflação, alguém levando as crianças para brincar no quintal, a porta da cozinha se fechando na cara dele e dos primos. Na gaiola pendurada na varanda, um canarinho cantava, mas isso ainda não tinha qualquer significado especial para o menino. Horas mais tarde, o avô chegou. Abriu a porta da sala, cumprimentou a família com um boa-noite seco e coletivo, pendurou o guarda-chuva no banheiro para secar e foi para a cozinha, esperar

que a mulher lhe servisse o jantar. Como sempre fazia. Se reparou na fisionomia preocupada dos parentes, não fez comentário. Depois de um instante de estupefação, a avó de Xanto levantou e foi fazer o prato do marido. Os filhos e o genro se reuniram num conciliábulo familiar, tentando decidir o que fazer. Não houve tempo. Antes mesmo que o avô terminasse de comer, bateram na porta. Eram dois agentes da polícia federal, amigos do avô de Xanto, tratavam-se pelo primeiro nome, a avó serviu um cafezinho, trocaram dois dedinhos de prosa e levaram o avô preso. Xanto não tornou a vê-lo durante quase dois meses, exceto uma vez, na televisão, sem entender direito o que o avô estava fazendo lá dentro. O repórter dizia que o estavam levando para um hospital, o menino virou para a mãe e perguntou, o vovô tá doente, e a mãe se desmanchou em lágrimas. Demorou ainda alguns anos até Xanto descobrir que era um hospital para doentes mentais.

Durante um tempo, ficou com medo do avô. Achava que, se ele estava louco, podia fazer qualquer coisa, estrangular o neto, por exemplo. Mas, a cada visita, estavam ambos um pouco mais velhos, o menino mais maduro, o avô mais alquebrado, parecia crescentemente inconcebível que aquela figurinha mirrada pudesse representar uma ameaça, então por que não o soltavam? por que não o deixavam voltar para casa? voltar para casa durante o resto dos dias que tinha para viver e que até mesmo Xanto sabia que seriam tão poucos? Mas o pai dizia que não, o avô não estava bem da cabeça, tinha feito uma coisa muito feia. Feio, contudo, era o olhar que a mãe dirigia ao marido nessas horas.

Xanto estava com seis anos quando o avô morreu. Por essa época, já sabia que ele tinha assassinado o vice-presidente com um tiro, levado a julgamento, considerado louco e internado num hospício. Com a morte do avô, a história voltou à TV, uma nota curta, morreu hoje fulano de tal, o homem que matou o vice-presidente Zahov. Foi o bastante, porém, para que o velório ficasse cheio de curiosos, gente que apontava o dedo e balançava a cabeça, cochichava, falava alto, contava piada, o pai de Xanto acabou se enchendo e pôs todo mundo para fora, parecia Jesus expulsando os vendilhões do templo, como no livrinho de catecismo que o menino estudava na época. A aula de catecismo acontecia na mesma sala em que ficava a classe noturna do ginásio, a última aula devia ser física porque as crianças chegavam de manhã e encontravam a lousa cheia de contas, rabiscos, umas palavras esquisitas. Energia cinética, termodinâmica, entropia. Entropia. Era isso que estava escrito na lousa no dia em que o avô morreu. Xanto repetiu a palavra para si mesmo, saboreando a forma das sílabas. En. Tro. Pia. Levantou a mão e perguntou o que queria dizer. A freira pensou um pouco, respondeu que não sabia, mandou-o procurar um professor de física. Virou para a classe e começou a falar sobre a queda dos anjos.

Apressado, ele soca umas mudas de roupa na mochila, passa no caixa eletrônico, retira todo o dinheiro e vai para a rodoviária. Sabe que eles vão voltar. Se é que foram embora. Não conhece a extensão de seus poderes, podem ter assumido uma forma incorpórea, invisível, vai ver são energia pura, seu corpo material é mera aparência, simulacro, feito o Jesus dos docetistas. Olha em volta, procura pelo indefectível amarelo. Passa em frente a uma loja de música, o som alto, uma voz esganiçada canta, *alive in the superunknown first it steals your mind and then it steals your soul*, teria sido melhor pegar o carro, não pode pegar o carro, o carro está com Flávia, o carro está destruído, Flávia está destruída, as pernas trêmulas, não quer lembrar disso, não quer, faz um sinal para o táxi que passa, recua, é um táxi amarelo, manda-o embora com um gesto e não fica tranquilo enquanto não o vê desaparecer na outra rua, mas será que desapareceu mesmo, não terá contornado o quarteirão para voltar por trás de Xanto, acompanhá-lo de longe, ver para onde ele vai, como se Xanto soubesse, vai para onde suas pernas o levarem, sair da cidade, sumir do planeta, cair fora da vida com uma pressa resoluta, não pode fazer isso, não pode fazer isso como não pode pegar o carro, são duas as mortes que é preciso redimir, a do avô e a de Flávia, quem cuidará de seus nomes depois que Xanto se for?

A casa da praia, ele chegou a morar lá quando era criança, o avô tinha comprado quando as ruas da cidade ainda nem eram asfaltadas, quase todo reveillon era passado na praia, as pessoas fazendo trabalho para Iemanjá, acendendo velas, bebendo champanhe. Num período em que o pai de Xanto estava desempregado, a avó emprestou as chaves da casa para ele passar uns tempos, ele montou uma barracquinha na praia, vendia camarão, caipirinha, pepsi, porquinho. O menino não gostava da cidade, cheia de turistas que deixavam um rastro de sujeira e degradação nos fins-de-semana, não gostava da praia, melequenta e coberta de detritos, mas acima de tudo não gostava da casa. Lembrava-lhe muito o avô, como se fosse - isso ele só pensou mais tarde, depois de adulto - como se fosse a presença do avô materializada, mas o avô não estava mais presente, então era a presença materializada de sua ausência. Uma cena em particular ficava voltando o tempo todo, na memória e nos sonhos, o velho pegando no colo o neto de dois anos, jogando-o para o alto, fazendo cócegas, um ano antes de tudo acontecer e para Xanto aquela cena revestia a importância de um elo, uma cadeia que os unia, talvez os amarrasse num tipo de identidade que era impossível discernir. Mas é para a casa que ele vai, resolve. A casa que ninguém mais visitou desde que a avó morreu. Um lugar para esconder o corpo enquanto a mente reflete.

Quanto mais Xanto crescia, mais complicado ficava o nome que davam ao comportamento do avô. Doença, loucura, psicose. Esquizofrenia paranóide. Delírio de perseguição acompanhado de alucinações visuais e auditivas, era o que a ficha clínica consignava. O paciente apresenta um quadro de delusão sistemática, acreditando que existem outras cria-

turas infiltradas entre os homens, criaturas malignas que são identificadas pela cor amarela. Perguntado se sua vítima era uma dessas entidades, respondeu que não. Recusa-se a dizer porque atirou no vice-presidente Zahov. Seu comportamento é calmo e ponderado, não apresenta sinais de mania violenta nem de excitação nervosa. Recomenda-se observação e acompanhamento psicoterápico.

A sala cheira a mofo, os móveis cobertos por lençóis cobertos de poeira. Acende a luz, que pisca algumas vezes antes de firmar, como se estivesse enferrujada, luz enferrujada, que idéia absurda, mas é o que parece. Joga a mochila de lado e deixa-se cair no sofá, por cima do lençol mesmo, levantando uma nuvem de pó com o peso do corpo. Sabe que a casa é uma ilha de estabilidade temporária, não demora para afundar no oceano de entropia em que o mundo vai se transformando rapidamente, entropia, a palavra salta direto da infância, atravessa o colégio e os anos na faculdade de física para aterrisar no centro da sala, onde fica trepidando sob o olhar de Xanto. Levanta com um suspiro que abre caminho no poço em seu peito e vai para a cozinha, na mão o miojo que comprou na rodoviária mesmo e que acaba de tirar da mochila. Macarrão sabor carne, único pacote vermelho na prateleira do mercadinho, misturado a centenas de embalagens amarelas que o deixaram arrepiado, a ponto de desistir da viagem. A água ferve logo, o chiado borbulhante entrelaça com o ruído de fundo proporcionado pelo mar, um marulho constante que não tardará a desaparecer, transformando-se numa presença subliminar, distante. Quase a presença de uma ausência. Abre a lata de coca, está quente, um gosto choco que dilui na boca, põe na geladeira para pelo menos refrescar um pouco enquanto ele janta. Sente-se cansado, abalado, moído, uma relíquia etimológica prestes a se desfazer. Mal dá duas garfadas, o estômago embrulha, revira, uma sensação de déjà-vu, o vômito esparramado no piso do banheiro. Cambaleia até o quarto, a cama o absorve como uma pasta mole, deliquescente, uma brisa fresca sopra em sua testa, nota que a janela está aberta, deveria ficar preocupado, deveria fechar a janela, mas a brisa é tão fresca e ele está tão cansado...

Foi logo depois da morte da avó que Xanto encontrou a agenda do avô. Uma caderneta velha, páginas nefastamente amareladas, telefones que não existiam de pessoas que já tinham morrido, encontros marcados aos quais comparecera, encontros marcados aos quais não comparecera, lembretes, coisas a não esquecer, a comprar, a vender, idéias que lhe passavam pela cabeça, registradas em anotações crípticas, sobretudo depois de internado, quando já não havia mais nada relativo ao mundo externo que valesse a pena anotar. Os médicos deviam ter esquadrinhado aqueles registros minuciosamente, atrás de pistas, sintomas, quando o velho morreu devolveram-no junto com seus pertences, mas talvez o tivessem xerografado, copiado, no mínimo como documento, foi o que Xanto pensou ao encontrá-lo, mas não pensava mais assim. Depois que Flávia fôra vítima da conspiração, achava que os próprios médicos do avô estavam envolvidos, a loucura era um pretexto, uma cômoda maneira de se livrarem de um homem incômodo, vai ver até a parada cardíaca era um arranjo premeditado, não há quem não saiba que certas drogas podem simular um enfarto, e quem conheceria melhor essas drogas do que uma junta médica?

Nomeado inventariante da avó, como o pai havia sido do avô, Xanto instalou-se na casa, a fim de melhor examinar a papelada que desde então se acumulara, já antevia a briga entre os tios, o marido da tia era um corvo ávido que mal escondia a pressa para que a velha se fosse, a mulher do tio também não lhe ficava atrás e a maldição da família era a falta de personalidade de seus membros, robôs teleguiados por seus cônjuges, não seria uma tarefa nada fácil levar um pouco de ordem àquela herança. A avó morreu de câncer, lembrou, os cabelos caídos, o couro coberto de escaras amareladas. Se ele soubesse, se ele acreditasse, teria podido impedir? Se não pudera salvar nem mesmo Flávia, que estava do seu lado no carro? Provavelmente, não conseguiria salvar nem a si mesmo, o que pode um físico contra o mundo físico?

Na véspera do dia em que matara o vice-presidente, o avô tinha anotado:

Meus olhos doem. O mundo me é amarelo. Uma névoa, uma película onipresente parece ter se incrustado às coisas, tingindo-as com a mesma cor da luz. De olhos fechados, ainda a vejo. Sua lembrança em minha mente é mais clara e distinta do que minhas próprias memórias. Eu a vi pela janela do carro. Achei que era uma estrela. Achei que era um satélite. Achei que era um balão, um avião, um disco voador. Não sei o que era, mas aproximou-se e era grande. Não sei se mais alguém a viu. A madrugada deixa as ruas vazias. Um carro passava duas esquinas adiante, mas não deu sinal de notar nada. Eu, pelo contrário, não conseguia deixar de olhar. Estacionei em frente a uma livraria fechada. Um cartaz pendurado na porta anunciava o lançamento de um livro sobre o presidente Schreber. Papel de bala, bala de abacaxi, passava levado pelo vento. Minha percepção entrou num patamar de nitidez saído como que de um conto de fadas. A luz, agora um enorme globo amarelo, sobrevoava meu carro parado. Saí para ver melhor. Mal encostei na porta do automóvel, um feixe de luz me atingiu no rosto. O mundo ficou ofuscado. Mergulhei num incêndio líqüido, ondas de fogo arrebrandando na retina. Aos poucos, a massa brilhante foi deixando de ser homogênea, formas começaram a se cristalizar, vultos, sombras luminosas. De repente, me dei conta de que esses espectros eram pessoas. Não eram humanos, mas eram pessoas. E estavam falando comigo. Me dando ordens. Dizendo para eu fazer uma coisa. Uma coisa horrível.

Xanto e Flávia vêm do teatro. Um grupo de dança indiana, um espetáculo sobre o tempo. O tempo antes do tempo, o tempo da criação, o tempo do tempo, o tempo do medo. O tempo como uma serpente, o tempo que se devora. A caminho do estacionamento, caminho que no sonho é mais real do que o real, passam por um grafite que impressiona Xanto pela congruência com o espetáculo, um uroboro vermelho com a legenda Deus se come em tipos serifados. Lembra de outro grafite, não o viu, leu sobre: Deus está morto. Ass.: Nietzsche e embaixo: Nietzsche está morto. Ass.: Deus. Comenta com Flávia, que mal registra o comentário, ainda sob o impacto da dança indiana. Trajes coloridos, roxos, rosas, vermelhos. Amarelos. Xanto pensa no avô, no que ele concluiria do espetáculo, uma mensagem cifrada do perigo amarelo. Ele tem pensado muito no avô por esses dias. No diário, naquela passagem críptica, como uma lição de cartilha: Vovô viu um OVNI. O avô diria que o tempo é um instrumento, uma arma que os Outros empregam para arrastar a humanidade à degradação e ao caos. Sabendo que a seta do tempo vai na mesma direção que o eixo da entropia, Xanto não teria como discordar. Entretido com o pensamento, não vê o semáforo passar de verde a amarelo, deixa passar a fração de segundo que precisa para frear. No sonho, a luz do semáforo funde-se ao globo que sobrevoou o avô, a assinatura do artista, da mesma forma que o grito de Flávia confunde-se com a buzina do caminhão.

É também o grito que sai da garganta de Xanto ao acordar, a luz do Sol irrompendo pela janela aberta e golpeando-o no rosto, abre o olho e não vê nada, ofuscado, a consciência ainda trêmula esquivando o acidente, o corpo ainda trêmulo revirando na cama, levanta aos tropeços, bate a janela com raiva, deixa-se cair no colchão, deixa as lágrimas caírem no rosto. Flávia é um buraco em seu flanco direito, deveria estar ali, mas não está, não está mais, nunca mais estará. Seu olhar, um semáforo amarelo. Um grito, um guincho, metais retorcidos. Um semáforo amarelo. Pé no freio, não adianta, não funciona, foi feito para não funcionar, o caminhão é amarelo, de que outra cor haveria de ser? Xanto sem nenhum arranhão, Xanto sonâmbulo andando pelas ruas, o semáforo é amarelo, o caminhão é amarelo, amarela é a luz que sobrevoou seu avô, amarela é a luz do Sol, a luz do Sol é amarela, a luz que sobrevoou seu avô é amarela, amarelo é o caminhão, amarelo é o semáforo, o mundo não é azul, o mundo é amarelo, as entranhas de Xanto são amarelas, amarelo é o vômito no piso do banheiro, amarela é a insígnia do guarda, a gema de ovo no chão da cozinha, os pacotes de miojo na prateleira do supermercado, amarelo, amarelo, amarelo.

A campainha está tocando. Insistentemente. No fundo da consciência de Xanto, o reconhecimento de que a campainha está tocando e isso já faz algum tempo. Não se pergunta quem é. Sabe que o encontraram. Será inútil fugir, vai até a sala, abre a porta. Dois homens de terno, óculos escuros no bolso, distintivo dourado na mão. Dourado é amarelo? Dourado é amarelo. Dourado é um amarelo dourado. O desânimo achata-lhe os membros. Sente que, se virar e correr, não terá forças para dar dois passos, esmagado pelo próprio peso. Não importa. O Sol é uma estrela amarela. O mundo encontra-se totalmente envolvido por sua luz. O planeta lhes pertence. Mesmo que fugisse aos dois policiais, para onde haveria de ir? Sebastião Xanto Neto, pergunta-lhe o homem da direita. Confirma. Você está preso. Pelo assassinato de Flávia Margalit. Deixa-se levar sem resistência. O homem da esquerda revista a casa. Encontra a caderneta do avô de Xanto escondida na mochila. Guarda-a no bolso interno do paletó, com displicência, e sai assobiando uma música. É o submarino amarelo. Dos Beatles.



Ser ou não ser plugado, eis a questão

Hidemberg Alves da Frota
<fnol@geocities.com>

No primeiro semestre de 1998 apareceu na lista de discussão internética do CLFC a polêmica “fanzines versus e-zines”. A celeuma surgiu em razão de que aparentemente os membros ativos do nosso nanofandom estavam colaborando mais com os fanzines virtuais do que com os impressos, tendo em vista o declínio de colaborações ao *Somnium* e a facilidade com que os editores de e-zines encontravam fãs interessados em ajudar a incrementar suas respectivas *home-pages* com contos e artigos.

O nível do debate começou bom, mas o clima foi ficando pesado, o circo pegou fogo, teve gente trocando ofensas e perdendo a cabeça. Resultado: tive a impressão de que havia uma corrente dentro da *mailing-list* meio tecnofóbica - ainda que acessassem a Net e usassem o correio eletrônico, pareciam contra os e-zines e, por extensão, contra a *Web* como uma maneira lícita de divulgar a FCB.

Passados alguns meses, os escribas da lista que só colaboravam com e-zines passaram a submeter colaborações a fanzines, e aqueles que desdenhavam as publicações cibernéticas passaram a ou colaborar com elas ou a criar suas próprias moradas no ciberespaço. Ou seja, aquela ligeira tendência à tecnofobia sumiu.

No final de outubro último percebi que na verdade existe, sim, uma ala pouco simpática às novidades do mundo da Internet e Informática. Foi quando recebi lá do Rio Grande do Sul os números XXXVII e XXXVIII do *Notícias... do Fim do Nada*, fanzine editado pelo Dr. Ruby Felisbino Medeiros, de quem também adquiri a coletânea do *NFN*.

Constava na página 2 do *NFN* XXXVII, seção “Conversa”, terceiro parágrafo:

“Morremos, porque nossa valentia não supera nossa preguiça e permaneceremos sentados (brincando de nave-

gar na Internet e outros jogos) procurando diversão, um brinquedo novo como um computador, mas já pronto, criação de outros, e não nos exercitamos física e mentalmente, alimentando-se de pacotes pré-fabricados no exterior, mais precisamente na América do Norte.”

Eu estava convicto de que entrara em contato com “the real stuff” - os reais tecnofóbicos estavam ali, na minha frente, representados pela prestigiosa publicação da FC gaúcha. Mas como todo cuidado é pouco para tirar conclusões precipitadas, resolvi me certificar.

Pois bem, consultei o *NFN* de julho/setembro de 98 (número XXXVIII) e lá encontrei, na página 4, uma carta do leitor Cesar Augusto F. Maciel em que afirmava: “O artigo ‘Nada pode substituir a leitura de um bom livro’, do mestre Ray Bradbury, reforça a idéia de que a importância da Internet tem sido superestimada pela maioria das pessoas. A Internet é muito útil para determinados fins, mas nunca deve-se considerá-la um substituto da leitura. Basta analisar uma amostra aleatória de mensagens eletrônicas trocadas pela rede para constatar-se a grande quantidade de erros de português cometidos pelos ‘sábios’ internautas...”.

Minha primeira reação foi escrever uma carta furiosa ao Dr. Ruby. Escrevi duas cartas, joguei ambas no lixo. Procurei me informar com os demais integrantes do fandom, subscritos na lista do CLFC, se era aquilo mesmo que eu estava pensando. Um dia depois já não havia dúvida alguma: o Laboratório Escola de FC ‘Robert Heinlein’ era a meca da tecnofobia da FC tupiniquim. Mais certo do que isso, só a premissa de que todos nós morreremos um dia, concluí.

Por uma dessas ironias da vida, devido a mil e um motivos, acabei ficando desplugado nas duas semanas se-

guintes. Meu contato com a Grande Rede e com um micro tornou-se bastante esporádico. Na prática, vivi como um tecnofóbico. E gostei. Além de ganhar mais tempo para estudar, ver TV e dormir bem, ganhei mais tempo para ler. A partir daquele instante não só me senti um tecnofóbico de fato, como quis ser um afiliado à Irmandade dos Nerds Tecnofóbicos. (Pena que a INT ainda não exista, fica aqui a sugestão)

Não obstante, chegou o dia em que pude e tive que voltar ao ciberespaço (afinal, tinha que atualizar as páginas mantidas pelo *Frota Science Fiction* <<http://www.geocities.com/Soho/Café/6258>>). Para minha infelicidade, logo que iniciei o cansativo trabalho de atualização, ao acessar o servidor da Geocities, não consegui entrar na minha área. E tentei, tentei: esgotei a noite nisso. Não adiantou. De volta à Rede, de volta as dores de cabeça. (Parece que as duas são companheiras inseparáveis)

Bem que eu pensei que era bom mesmo passar ao largo da ‘Revolução da Informação’ e da ‘Microinformática’. Agora podia estar curtindo os novos livros que comprei sem grandes azucrinaçãoções. Só que eu queria também ler os trabalhos “House of Dreams” (de Michael Flynn) e “Lest We Forget” (de David Kirtley), ganhadores dos prêmios Sturgeon e Asimov de 98, respectivamente. E, ainda, dar uma olhada na revista *Wired*.

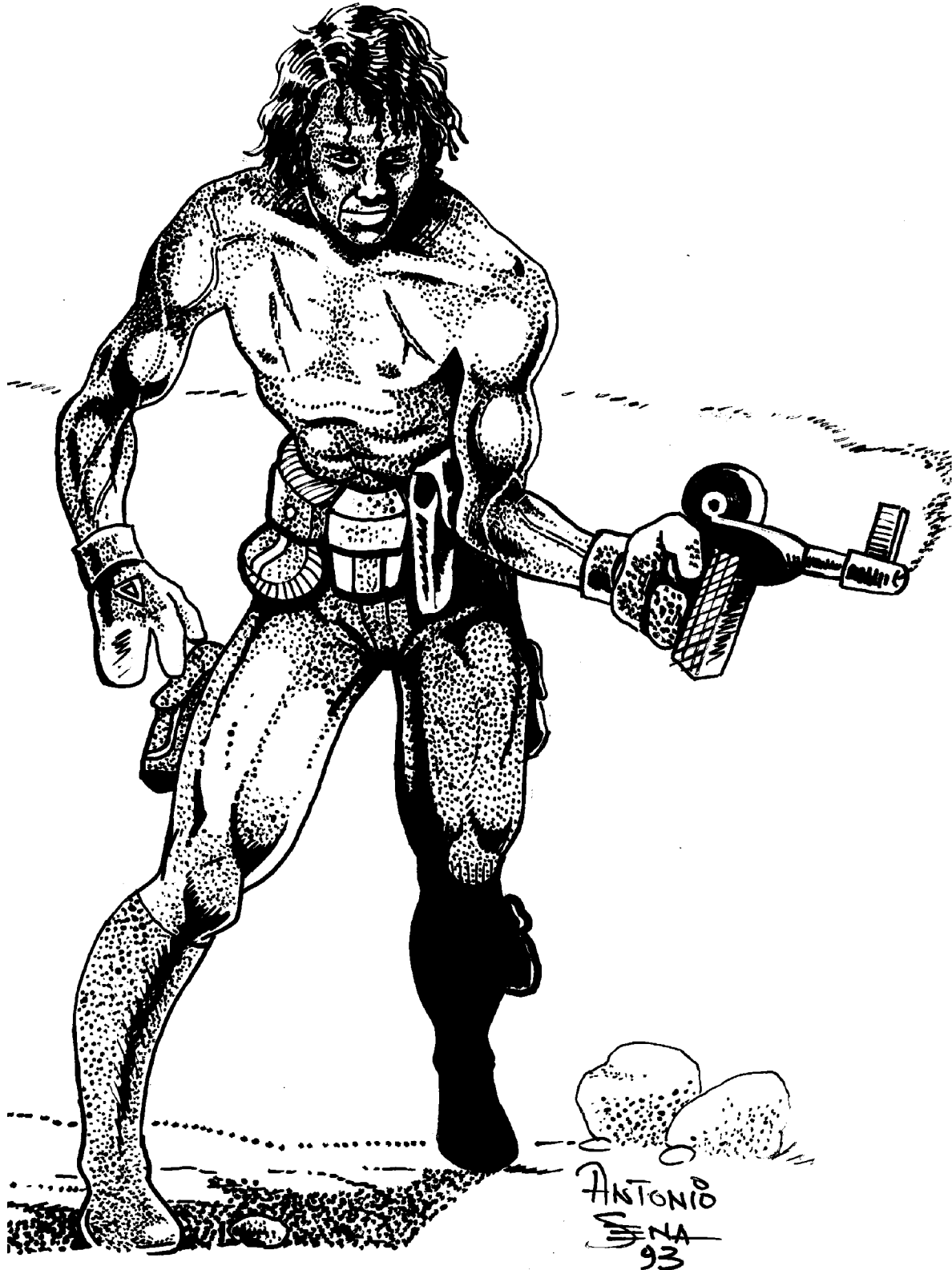
Como é que eu faria isso? Iria vasculhar as bancas da taba baré? Só tinha um jeito: usar a Internet.

Claro que eu podia me proibir de surfar no infomar. Até porque, eu estava adorando ser um tecnofóbico. Mas será que valia a pena dar uma de purista, último defensor da legítima cultura literária, e me privar duma chance de conhecer as últimas atrações do site da *Asimov's Science Fiction* <<http://www.sfsite.com/asimovs/>>,

que disponibilizou gratuitamente, além da noveleta e conto supracitados, "Newsletter" (de Connie Willis), ganhador do Locus Award? Ou, não ir à página da *Wired* <<http://www.wired.com>>, deixando de conferir uma entrevista do mestre Bradbury,

patrono da tecnofobia da FC & F mundial? O ideal é priorizar sempre os meios tradicionais em detrimento dos digitais. A Internet aumenta a solidão, cansa a vista, tira o sono e pode causar o mal-do-túnel-do-carpo. Mas se é mais prático e fácil fazer o que você

deseja via Internet, então é melhor navegar pelos mal-compreendidos oceanos virtuais. Ou então, ser tão inteligente quanto aquela gente que se identifica com as orelhas pontudas do Sr. Spock e considera *Jornada nas Estrelas* o melhor que já se fez em matéria de FC.



SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 15 as 18 horas,
no Clube dos Engenheiros, Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

Visite nossa nova página na Internet: <http://members.tripod.com/~CLFC>